



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**RAINHA, AMANTE AUDACIOSA E SEDUTORA:
REPRESENTAÇÕES DE CLEÓPATRA NOS PORTAIS
EDUCACIONAIS DA WEB**

PAULA TÔGO MAZZEI

Brasília- DF

2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**RAINHA, AMANTE AUDACIOSA E SEDUTORA:
REPRESENTAÇÕES DE CLEÓPATRA NOS PORTAIS
EDUCACIONAIS DA WEB**

PAULA TÔGO MAZZEI

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Bacharelado em História.

Orientadora: Dra. Susane Rodrigues de Oliveira (UnB)

Brasília- DF

2016

PAULA TÔGO MAZZEI

**RAINHA, AMANTE AUDACIOSA E SEDUTORA:
REPRESENTAÇÕES DE CLEÓPATRA NOS PORTAIS
EDUCACIONAIS DA WEB**

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Humanas, Curso de Bacharelado em História, Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a sua conclusão.

Brasília/DF, ____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Profa. Dra. Susane Rodrigues de Oliveira

1º Examinadora Ma. Ana Vitória Sampaio Castanheira Rocha

2º Examinadora Profa. Dra. Edlene Silva

RESUMO

Esta monografia apresenta os resultados de uma pesquisa sobre as representações sociais de Cleópatra veiculadas em textos históricos publicados em dois Portais Educacionais da web, o Historianet (2006) e o Brasil Escola (2010-2014). Neste trabalho buscamos compreender as condições de produção dessas histórias, bem como analisar os sentidos, significados, conceitos, valores, imaginários e práticas sociais que informam estas representações. Na análise dessas representações foi possível identificar concepções de gênero, sexualidade e história que marcam não só a identidade, origem e atuação de Cleópatra, mas também das mulheres em sua relação com o poder político e o governo.

Palavras-Chave: portais educacionais, Cleópatra, representações sociais, gênero, história, Egito Antigo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 – OS PORTAIS EDUCACIONAIS NA WEB	14
1.1 Características gerais.....	14
1.2 Perfil e difusão	17
CAPÍTULO 2 – REPRESENTAÇÕES DE CLEÓPATRA NO HISTORIANET E NO BRASIL ESCOLA	20
2.1 Deusa e rainha grega do Egito	20
2.2 Audaciosa amante e sedutora.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
FONTES	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
ANEXOS	45

INTRODUÇÃO

Cleópatra, “rainha” do antigo Egito, ainda tira o fôlego de muitos historiadores, arqueólogos, cineastas, artistas, literatos e jornalistas interessados no seu protagonismo. Trata-se da famosa personagem histórica da antiguidade que conseguiu, de forma engenhosa, intervir não só na sociedade egípcia, mas também no grandioso Império Romano.

Durante milênios, sua história de amor e de morte, de poder e sexualidade, de dominação e subordinação, e do intercuro imperial entre as civilizações grega, egípcia e romana, tem excitado a imaginação popular, provocando opiniões apaixonadas sobre sua aparência e origens (SHOHAT, 2004, p. 13).

A última Cleópatra do Egito pertencia à dinastia dos Ptolomeus, uma família de origem grega que governou o Egito por três séculos (306 a 30a.C), desde a conquista da região por Alexandre, o Grande. Após a morte deste, Ptolomeu I, que tinha sido general de Alexandre, se auto proclamou Faraó e, partir disso, inaugura-se uma dinastia com o governo de doze Ptolomeus e sete Cleópatras. A Cleópatra VII, a última delas na dinastia, é a mais conhecida e retratada pelo cinema e os livros de história, nasceu em 60a.C, foi filha de Ptolomeu XII e de Cleópatra V, e governou entre 51a.C e 30a.C. (SILVA, 2013, p. 25-26). Curiosamente, os relatos sobre essa Cleópatra não nos chegam pelas fontes egípcias, mas por fontes gregas e romanas da Antiguidade (SILVA, 2013, p. 127).

Ao longo dos séculos, houve muita controvérsia em relação à sua personalidade, aparência, beleza, origem e poder, e isso resultou em inúmeros discursos e representações históricas acerca da atuação dessa poderosa governadora. Inspirando diversos artistas, literatos e estudiosos ao longo do tempo, a história de Cleópatra vem sendo retrata em diversas linguagens. Na pintura, a cena de sua morte serviu de inspiração para artistas como Reginald Arthur, Augustin Hirschvogel, Guido Cagnacci, Johann Liss, John William Waterhouse e Jean-André Rixens. Na literatura também aparece como personagem principal em várias obras, peças teatrais como a de William Shakespeare, prosas como a de Théophile Gautier e romances como os de Margaret George¹. Além disso, sua história vem

¹ Dos vários autores que já retrataram a figura de Cleópatra na área da literatura é interessante fazer um destaque para a trilogia de Margaret George intitulada “Memórias de Cleópatra”. Margaret é uma historiadora e romancista histórica que escreveu vários tipos de biografias históricas, dentre eles: *The Autobiography of Henry VIII*, *Mary, Queen of Scotland and the Isles*, *Mary Called Magdalene*, *Helen of Troy*, *Elizabeth I*. Para ela, toda mulher tem seu ‘lado Cleópatra’, sua beleza e seu charme. Escrito em sete anos, os três volumes de Cleópatra foram o resultado de muitas pesquisas e viagens ao Egito. Os livros tiveram sucesso a ponto de inspirarem a produção de uma minissérie de TV em 1999, que acabou se tornando também um filme.

sendo difundida também pelo cinema, desde 1899. O filme mais famoso e conhecido sobre Cleópatra data de 1963 dirigido por Joseph Mankiewicz e que teve como protagonista principal a atriz Elizabeth Taylor².

Ella Shohat (2004, p. 11), em um estudo das representações de Cleópatra no século XX, situa o debate sobre sua aparência e origens no âmbito da dominação colonial, das lutas anti-coloniais e das fricções raciais pós-coloniais que acrescentam outra dimensão ao entendimento da identidade de Cleópatra. Apesar das fontes históricas e dos artefatos arqueológicos encontrados no decorrer dos séculos, Cleópatra ainda é um enigma para a humanidade, o que acaba deixando em aberto várias lacunas que, de certa forma são preenchidas pelo imaginário e as representações que circulam em cada época. Segundo Ella Shohat,

A antiga rainha, portanto, constitui mais que uma figura histórica que poderia ser relegada aos domínios da arqueologia e da egiptologia; antes, ela constitui uma alegoria de questões altamente carregadas relativas à sexualidade, gênero, raça e nação, questões que vão muito além do espaço geo-cultural de seu tempo (2004, p. 14).

Desse modo, as imagens de Cleópatra, difundidas em diferentes artefatos contemporâneos, acabam também por revelar nossos valores, ideais, crenças e imaginários em torno do protagonismo político das mulheres na história. Ainda segundo a autora,

Cada época e cada cultura parece projetar sua própria Cleópatra, visualizando-a de uma maneira nova. Olhar a história das representações de Cleópatra, conseqüentemente, traz muita informação sobre como sua imagem foi “encenada” por diferentes discursos (SHOHAT, 2004, p.53).

Natália Frazão José (2008) em análise das representações de Cleópatra em autores contemporâneos, também observou, assim como Shohat, que em cada momento histórico a imagem de Cleópatra ganhou diferentes contornos a partir de valores, conceitos e ideais próprios da época e lugar de sua produção. Não por acaso, a historiadora e feminista Giselle Santos –, no livro *Somos Todas Rainhas* (2011) da coleção “História das Mulheres Negras: Passado, Presente e Futuro”³ que tem por objetivo resgatar, valorizar e divulgar o papel e a

² Ver as análises de Apoliana Pereira da Silva, Iracir Holanda de Freitas Roque, Michelle Souza de Jesus Oliveira e Rodrigo de Oliveira (2008) sobre como a imagem de Cleópatra foi construída por meio do cinema e da historiografia.

³ Trata-se de um projeto que apóia a aplicação da Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, onde estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “história e cultura afro-brasileira”.

importância das mulheres negras na sociedade brasileira, nas Américas e no mundo, devido à negação de suas contribuições na história durante anos, – chega a afirmar que

a figura de CLEÓPATRA é fruto de narrativas divergentes e de complexas disputas. Alguns estudiosos afirmam que ela era branca, enquanto outros intelectuais, como Cheikh Anta Diop, afirmam que a RAINHA CLEÓPATRA era negra. Ressaltamos o papel ideológico exercido pelos europeus para construir representações sobre a civilização do Egito Antigo, assim como de CLEÓPATRA, como brancos com o objetivo de invisibilizar a contribuição do povo negro para a história da humanidade (SANTOS, 2011, p. 12).

Desse modo, as representações de Cleópatra revelam valores e concepções de sexo/gênero e raça idealizados em cada cultura ou geração. De acordo com Ella Shohat, as discussões dicotômicas em torno da identidade de Cleópatra, – sobre sua cor, nação ou raça, – reproduzem ainda o racismo científico, um dos traços mais repugnantes do discurso colonial sobre a África (2004, p. 24). Nesse sentido, as suas representações revelam não só uma faceta de Cleópatra, mas também “uma faceta de quem a representa e, mais importante, revela a natureza dos prismas através dos quais Cleópatra foi vista e imaginada” (SHOHAT, 2004, p. 54).

No campo do ensino de história, Raquel dos Santos Funari (2004), – em análise do conhecimento histórico adquirido por estudantes da quinta série do Ensino Fundamental sobre o Egito Antigo por meio de livros didáticos, filmes, documentários, reportagens publicadas em revistas e jornais e outros meios, – observou que Cleópatra aparece como a personagem histórica mais reconhecida e citada pelos estudantes brasileiros quando se trata de Egito Antigo. Segundo a autora,

Nos enigmas do Egito, as diferenças de gênero são mais marcadas. As pirâmides fascinam muito mais os meninos, Cleópatra as meninas. A figura feminina, como modelo, interessa, portanto, às meninas por a associarem ao poder, enquanto os meninos, ainda pouco preocupados com a sexualidade, nem a mencionam. (...) Cleópatra, como rainha, constitui, portanto, poderosa figura da mulher que não está submetida ao domínio masculino. (...) Que mulher poderosa! O encanto, o domínio de Cleópatra não cessa de ser lembrado, como na recente biografia de Júlio César, escrita pelo grande filólogo italiano Luciano Canfora (...). Uma moça de vinte anos a dominar uma conversa com Júlio César dá bem a noção do papel que ela pode exercer como modelo para as meninas (FUNARI, 2004, p. 50-51).

Nos livros didáticos, essa personagem também ganha destaque dentre temas que abordam a sociedade, o Faraó, o rio Nilo, a escrita egípcia, a religiosidade, as pirâmides e

esfinges do Egito (FUNARI, 2004, p. 86). O fascínio que a imagem de Cleópatra desperta entre as meninas chama nossa atenção para os valores, crenças, concepções, imaginários, práticas e modelos de feminilidade que suas representações podem ensinar às meninas, se constituindo em modelo ideal de conduta e comportamento no ato de governar.

Diante da importância das representações de Cleópatra, elegemos como objeto de estudo as suas representações sociais difundidas nos Portais Educacionais brasileiros, disponíveis na web⁴, nos últimos anos. Trata-se de uma análise de suas representações em textos históricos digitais publicados em dois portais, no Historianetm 2006 e no Brasil Escola entre os anos de 2010 e 2014.

Nesse trabalho nos apoiamos na noção de representações sociais desenvolvida por Serge Moscovici e compartilhada por Denise Jodelet. Como bem atenta Carvalho e Arruda, os diálogos interdisciplinares entre a história e a teoria das representações sociais não são apenas possíveis, mas também fundamentais. “Principalmente naquelas fronteiras em que a proximidade é mais visível, nas reflexões que tratem de memória, identidade e alteridade” (CARVALHO; ARRUDA, 2008, p. 453). A teoria das representações sociais, difundida pela psicologia social, a partir dos escritos de Moscovici, vem ganhando espaço especialmente no campo da História Cultural, graças ao seu papel inegável na vida social, ao trazer esclarecimentos acerca dos processos cognitivos e das interações sociais em diferentes épocas e lugares. Como bem argumentou Moscovici, as representações constituem “modo de pensamento que a vida cotidiana sustenta e que são historicamente mantidos por mais ou menos longos períodos” (2003, p.218). Mais do que símbolos deslocados do real, para além de uma perspectiva dicotômica que separa realidade e linguagem,

As representações se tornam tangíveis para o grupo considerado já que seus membros acreditam em sua existência. A representação não é apenas a expressão simbólica da realidade como sua via de acesso, ou seja, deriva da atividade do homem e a direciona, é simultaneamente produto e processo. Refere-se à transformação do não-familiar em familiar, quando o novo é incorporado a categorias preexistentes e se torna senso comum (CARVALHO; ARRUDA, 2008, p. 449).

Nessa perspectiva, as representações são “ambientes de pensamento” e “sua força reside nos processos de socialização que as tornam uma forma independente de conhecimento e modificação da realidade”(CARVALHO; ARRUDA, 2008, p. 449). Na acepção de Jodelet, as representações sociais constituem “uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e

⁴ Com o aparecimento da internet o significado de “WEB” passou a designar a rede que conecta computadores por todo mundo, a World Wide Web (WWW).

compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”(JODELET, 2001, p. 4 e 5). Criadas a partir de um imaginário, “estão presentes tanto ‘no mundo’ como ‘na mente’” (FARR, 1994 APUD CARVALHO; ARRUDA, 2008, p. 449), portanto são elementos indissociáveis do processo cognitivo de estar no mundo, permitindo a mediação “entre sujeito e o mundo que ele ao mesmo tempo descobre e constrói” (JOVCHELOVITCH, 1994, p. 78 APUD CARVALHO; ARRUDA, 2008, p. 449).

A teoria das representações sociais denota a importância de nosso estudo sobre as representações de Cleópatra no conhecimento histórico que circula na internet. Trata-se de uma perspectiva que associa as representações tanto aos sistemas de pensamento mais amplo, quanto à condição social e à esfera da experiência dos indivíduos, pondo em relevo as instâncias, instituições, situações de comunicação, crenças, valores, atitudes normativas e opiniões que intervêm em sua elaboração e difusão na sociedade (JODELET, 2001, p. 21).

Desde os anos setenta, os estudos feministas e de gênero trouxeram importantes questionamentos sobre as representações das mulheres nos mais variados discursos históricos (acadêmicos, escolares, midiáticos, religiosos, etc.), pondo em evidência o seu caráter político e cultural nos valores e conceitos de gênero androcêntricos, sexistas, racistas, colonialistas e patriarcais que difundem. A história enquanto veículo de representações do passado participa também da formação dos imaginários e práticas sociais. Nesse sentido, as representações das mulheres presentes nos discursos históricos são capazes também de intervir e orientar as identidades, comportamentos e relações sexuais.

O silêncio sobre as mulheres e as representações negativas e essencializadas de sua atuação em diferentes tempos e espaços acabam perpetuando as hierarquias e desigualdades de gênero no presente, ao atribuir às mulheres um papel menos importantes, inferior e secundário aos dos homens no campo da história (NAVARRO-SWAIN, 2006). Como bem disse Michelle Perrot, “as mulheres são mais imaginadas do que descritas ou contadas, e fazer a sua história é, antes de tudo, inevitavelmente, chocar-se contra esse bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar” (2005, p. 11).

A teoria das representações sociais se constitui também em importante instrumento teórico e analítico para o adensamento dos estudos feministas interessados: em compreender os mecanismos formadores de subjetividades; em identificar o poder nas representações sociais que dão sentido e que compõe as redes de relações sociais; em desestabilizar as certezas e pressupostos universais e essencialistas que sustentam o conhecimento sobre o corpo, as mulheres e as relações entre os sexos na história (NAVARRO-SWAIN, 2002).

Segundo Judith Butler, “a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro” (2003, p. 18), produzindo “os sujeitos com traços de gênero determinados em conformidade com um eixo diferencial de dominação” (2003, p. 19). Nessa perspectiva, entendemos aqui o gênero como uma representação que “é produto de diferentes “tecnologias sociais”, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana” (LAURETIS, 1994, p. 2008). Portanto, o gênero, como uma forma de conhecimento socialmente elaborado, não pode ser entendido como uma propriedade de corpos e nem como algo que existe a priori. Como reforça Lauretis, “a construção do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação” (1994, p. 212). Tanto o gênero quanto o sexo são, portanto, construtos culturais/históricos. Como explica Butler,

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (2003, p. 25).

A construção do gênero vem se efetuando ainda hoje não só na mídia, na escola, no cinema, nos tribunais e nas igrejas, mas também na academia, na comunidade intelectual, nas práticas artísticas, nos discursos históricos, na internet e nos mais variados espaços de produção e circulação de saberes. Dentre estes espaços, a internet chamou a nossa atenção, especialmente pelo crescente número de portais educacionais que se caracterizam como *sites* que disponibilizam conteúdos das mais variadas disciplinas escolares, servindo de apoio às pesquisas escolares realizadas por estudantes e às práticas pedagógicas de professores da educação básica. Além de conteúdos curriculares estes portais fornecem planos de aula e sugestões de atividades pedagógicas, materiais de apoio e de complemento às aulas para todas as disciplinas e séries da Educação Básica. Esses portais também oferecem aos seus usuários equipes de especialistas que podem ser consultados por professores, pais e alunos para o esclarecimento de dúvidas. Através de ferramentas de interatividade, de comunicação instantânea, de listas e grupos de discussão e de salas de bate-papo, esses portais promovem também a formação continuada de professores e acabam por se constituir em comunidades virtuais de aprendizagem.

Com a finalidade de divulgar conhecimentos científicos, históricos, artísticos e culturais os portais educacionais estão colaborando na educação de muitos brasileiros que acessam a internet em busca de informações e conhecimentos. Seus textos digitais são produzidos por equipes especializadas em diversas áreas do conhecimento que optam por fazer uso de linguagem simples, acessível e didática. Desse modo, a internet vem entrando cada vez mais na vida das pessoas na contemporaneidade, de forma fácil, rápida e acessível, se tornando um espaço importante de produção e difusão de representações sociais, por meio dos mais variados conhecimentos. Nesse processo, a história também tem sido pedagogizada em mídias educativas que se abrem na internet em forma de hipertextos, imagens sons e vídeos (OLIVEIRA, 2015). Dentre os *sites* com maior circulação de histórias midiáticas, destacam-se os portais educacionais, onde podemos encontrar também textos e imagens sobre Cleópatra, que merecem ser analisados tendo em vista o entendimento dos significados/sentidos e das formas de produção e difusão/ensino de suas representações na contemporaneidade brasileira.

De acordo com Susane de Oliveira (2015), enquanto os livros didáticos trazem poucos conteúdos e “textos complementares” sobre a história das mulheres, a internet disponibiliza uma enorme quantidade de materiais multimídia em diversas línguas e formatos. Nem todos os *sites* fazem referência ao

saber histórico produzido nas universidades, embora uma quantidade considerável desse saber encontre-se disponível na forma de artigos e comunicações de pesquisas, além de estar acessível em arquivos, bibliotecas, livrarias, revistas e museus virtuais. As páginas dos portais educacionais também aparecem relacionadas nesse total, apresentando uma infinidade de recursos digitais para a abordagem da história das mulheres no ensino de história (OLIVEIRA, 2015).

Essa nova rede de informações, presente nos portais educacionais, impõe novos desafios aos professores, historiadores e pesquisadores da área de ensino de história, obrigando-nos a ter mais cuidado e atenção aos processos de divulgação e produção de conhecimentos históricos na internet. Thais Nívia de Lima e Fonseca (2012) denomina essa história que circula em diferentes mídias como “história pública”, já que circula fora do universo acadêmico. Ela escreve que

(...) o encontro entre a divulgação científica e o entretenimento pode resultar em interessantes modalidades de produção em história que, se realizadas com qualidade, tem um importante papel educativo. Mas na relação com todas essas manifestações que estamos entendendo como de história pública, em geral os professores do ensino básico costumam estar na frente dos

historiadores profissionais, que tendem a rejeitá-las como uma espécie de história “de segunda”. Creio ser necessário repensar essas posturas (FONSECA, 2012, p.138).

A “história pública” que circula também nos Portais Educacionais vai além do conhecimento histórico acadêmico, já que

passam pela relação com a consciência histórica, ou mesmo por sua produção, pela relação com memórias individuais e coletivas, pela mobilização de comunidades, pela disponibilização de acervos e de conhecimento (FONSECA, 2012, p. 137).

Nesse sentido, é importante que os historiadores considerem também as formas de produção e difusão da história fora do contexto acadêmico, tendo vista o reconhecimento e problematização dos usos do passado no ensino de história e na construção de identidades e práticas sociais do presente. Assim, reforçamos a importância da análise das representações de Cleópatra que circulam em *sites* que promovem uma didatização da história para o público escolar. Trata-se, portanto, de espaços educativos digitais que vem ganhando cada vez mais importância dentre os recursos didáticos que fazem usos de novas tecnologias para o ensino da história escolar.

Nos portais: Historianet⁵ e Brasil Escola⁶. Em cada um deles foi possível identificar textos históricos que tratam especificamente de Cleópatra. Metodologicamente, fizemos a leitura dos textos selecionados e montamos um quadro de fichamento e análise contendo os seguintes elementos: nome do portal educacional, título do texto, data de publicação, autor/a (nome, formação e área de atuação), resumo do conteúdo, estrutura do texto, representações de Cleópatra (descrição, características, adjetivos), citações literais, concepções gênero (noções de masculino/feminino, mulheres/homens), interpretação e análise histórica das representações. A partir disso buscamos compreender as condições de produção dos textos, mas também identificar e historicizar as representações de Cleópatra, destacando sentidos, significados, conceitos, valores, crenças, imaginários e práticas sociais que as informam.

Esta monografia está dividida em dois capítulos: o primeiro trata das características gerais dos Portais Educacionais, bem como do perfil e das formas de difusão de seus conteúdos na internet; já o segundo capítulo concentra-se na análise das representações de Cleópatra.

⁵<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=853>

⁶ <http://www.brasilecola.com/historia/cleopatra.htm>

CAPÍTULO 1

OS PORTAIS EDUCACIONAISNA WEB

1.1 CARACTERÍSTICASGERAIS

Luciene Ferreira Iahn (2001) vê os portais na internet como meios de apresentação e recuperação de informações que permitem a combinação de vários elementos como: som (voz humana, música, efeitos especiais sonoros), imagens, vídeos e animações, desenhos em quadrinhos e gráficos. Os portais podem assumir diferentes significados, dependendo da sua área de atuação, contudo seu objetivo principal é o de funcionar como um local de entrada e saída de informações.

O termo que hoje é utilizado como portal, em meados de 1994, era conhecido como mecanismo de busca, cuja finalidade era facilitar o acesso às informações disponíveis em vários documentos dispersos pela Web. Utilizando recursos de pesquisas e navegação associativa entre hiperligações, os mecanismos de busca auxiliavam os usuários a encontrar documentos na rede. Com o objetivo de minimizar o tempo para encontrar informações relevantes na Internet e ajudar os usuários menos experientes, alguns sites de busca começaram a utilizar o conceito de portal, agrupando sites e documentos em categorias predefinidas de acordo com o seu conteúdo (BOTTENTUIT JUNIOR, 2013, p. 118).

Os portais podem ser do tipo educativos, corporativos, financeiros, infantis, escolares e jornalísticos. Trata-se de uma categoria de *sites* que mais vem crescendo nos últimos tempos. Segundo BottentuiJunior (2013), o primeiro *site* considerado um portal foi o AOL (*América Online*) que surgiu no início da década de 1990, com a proposta de oferecer acesso à Internet e a um conjunto restrito de conteúdos. Com o passar do tempo, os tradicionais *sites* de busca como o Yahoo e o Excite deixaram de ser denominados de simples motores de busca, transformando-se em portais web, e passaram a oferecer além de informações, serviços *online*, o que proporcionou um aumento do público para estes ambientes. Assim, “os portais evoluíram de *sites* que se limitam a catalogar a presença de outros *sites* na Internet, a verdadeiros centros com todo o tipo de informação, produtos e serviços” (IAHN Apud BOTTENTUIT JÚNIOR, 2013, p. 119).

Segundo Bottentuit Junior (2013), os portais geralmente apresentam as seguintes características: um motor de busca/consulta de informações armazenadas, um conjunto de

áreas subordinadas com conteúdos próprios, áreas de notícias, fóruns de discussão, serviços de geração de comunidade e um diretório, o qual pode incluir outros tipos de conteúdo de acordo com o tema abordado. Ainda segundo o autor,

Haguenauer, Cordeiro Filho e Mota (2008, s/p) acreditam que “os portais de Informação são aqueles capazes de organizar grandes acervos de conteúdo a partir dos temas ou assuntos neles contidos, conectando as pessoas às informações”. Já Dias (2007, p.2) afirma que o “portal Web facilita o acesso às informações contidas em documentos espalhados pela Internet, oferecendo mecanismos de busca, hiperligações separadas por assunto, acesso a conteúdos especializados e comerciais, e personalização da sua interface” (BOTTENTUIT JUNIOR, 2013, p. 119).

Apesar dos portais se diferenciarem em termos de categorias, eles têm em comum, além da enorme quantidade de informações, a grande oferta de serviços aos internautas, compartilhando assim o objetivo de agrupar em suas páginas as principais ferramentas da Internet (FURTADO, 2004).

Segundo Susane de Oliveira, os portais do tipo educacionais “são ambientes virtuais que organizam e disponibilizam conteúdos que servem de apoio às práticas docentes e às pesquisas de estudantes da Educação Básica” (2015). Desse modo, se constituem em “poderosos veículos de produção e difusão de mídias digitais que cada vez mais atraem, fascinam, estimulam, educam e auxiliam professores e estudantes na aquisição de conhecimentos” (OLIVEIRA, 2015). Sobre os portais educacionais, BottentuitJunior aponta também para o fato de que esses portais permitem a integração da internet nos processos de educação formal, uma junção de experiências realizadas tanto na aprendizagem aberta quanto à distância. Além disso, são vistos como ambientes de apoio e extensão das escolas no processo de ensino e aprendizagem. Um portal educativo, qualquer que seja a sua finalidade, para Marques (2001) e Gonçalves (2002), tem que oferecer, de forma estruturada, ao usuário

Acesso a um vasto conjunto de conteúdos ou páginas Web, caracterizados pela diversidade dos elementos multimídia; mecanismos que facilitem a pesquisa de conteúdos internos ou externos; serviços genéricos, nomeadamente formas de comunicar, bem como de partilhar ideias e experiências [...]; serviços específicos para professores, alunos e famílias, nos quais se incluem: recursos educativos diversos, conteúdos e atividades lúdico-didáticas de formação de legislação, filtragem de informação, ideias e sugestões escolares, entre outras informações de interesse educativo (BOTTENTUIT JUNIOR, 2013, p. 123).

Como bem observou Ismael Furtado, os portais educacionais buscam atingir quatro públicos-alvo: alunos, professores, pais de alunos e escolas. Além de oferecerem aplicativos

de Internet (correio eletrônico, listas e grupos de discussão, entre outros), esses portais apresentam uma base comum,

uma vez que cada portal oferece conteúdos, atividades e serviços específicos.
CONTEÚDOS – Trata-se do principal foco dos portais educacionais. Seleccionam e disponibilizam conteúdos, sugestões de atividades, oficinas, projetos, materiais de apoio e complemento às aulas para todas as disciplinas e séries da Educação Infantil, fundamental e média. Estes conteúdos são ofertados sob diversos formatos de mídia. Há, ainda, jogos e outras atividades lúdicas que envolvam alunos e grupos de alunos.

EQUIPE DE ESPECIALISTAS – Os portais oferecem aos seus usuários equipes de especialistas, que podem ser consultados por professores, pais e alunos para o esclarecimento de dúvidas, por meio de ferramentas síncronas e assíncronas.

CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES – Os portais acenam com a oferta de capacitação para os professores, principalmente sobre o uso dos recursos da Internet e do próprio portal.

ASSESSORAMENTO – Os portais disponibilizam uma assessoria às escolas em seus projetos pedagógicos, no planejamento e na elaboração de currículos, como também na elaboração de estratégias de marketing.

FORMAÇÃO DE COMUNIDADES VIRTUAIS – Por meio de suas ferramentas de interatividade, como o correio eletrônico (e-mail), ferramentas de comunicação instantânea, listas e grupos de discussão, e salas de bate-papo, os portais promovem a formação de comunidades de aprendizagem.

ENVOLVIMENTO COM A FAMÍLIA – As ferramentas de interatividade, bem como a integração com os sistemas das escolas, permitem que os portais ofereçam aos pais a possibilidade de acessar boletins, diários e outras formas de acompanhamento do desempenho dos filhos na escola. Os portais buscam, ainda, envolver os pais de alunos, criando áreas de conteúdos e atividades específicas para esse segmento do universo escolar. (FURTADO, 2004, p. 53-54)

Nucia de Oliveira, ao analisar oito *sites* de pesquisa escolar, que também podem ser classificados como portais educacionais, chegou à conclusão de que a maioria desses *sites* trazem textos históricos que pouco se diferenciam dos publicados em manuais didáticos e que assim se assemelham muito aos *sites* das grandes enciclopédias digitais. A autora ressalta ainda que

Em textos da internet tem-se um pouco da narrativa oficial da história, mas também uma forma mais específica de narrar o passado não necessariamente organizada com o rigor historiográfico, o que nos coloca, portanto, diante do dilema de como lidar com tais narrativas! Excluindo-as? Não! Creio que mais do que negar essas narrativas, precisamos contextualizá-las e compreendê-las dentro da ótica apresentada por Hartog e Sarlo – a do uso do passado como espetáculo que se busca celebrar e manter quando de interesse coletivo! (...) os sites de pesquisa escolar dialogam mais como os “sentidos comuns” do que com História e seu ensino. Além disso, trata-se de um uso da história nos moldes de uma história única e fragmentada que há algum tempo se busca problematizar, visto que prejudica o entendimento dos

internautas-estudantes ao propor a eles tal perspectiva fragmentada e pouco desafiadora do desenvolvimento do aprendizado histórico (...) (OLIVEIRA, 2014, p. 50).

A problemática levantada pela autora instiga-nos também a contextualizar e compreender os textos históricos que tratam exclusivamente de Cleópatra difundidos nos portais educacionais da web. Escolhemos para análise os textos disponíveis em dois portais: Historianet e Brasil Escola. Na análise das condições de produção destes textos buscamos identificar a autoria, a formação acadêmica e a atuação profissional dos autores, o perfil dos visitantes do *site* e os níveis de difusão de seus conteúdos na internet.

1.2 PERFIL E DIFUSÃO

Os portais Historianet e Brasil Escola têm como objetivo apresentar conteúdos relacionados às disciplinas escolares, seja em forma de texto, imagem, vídeo ou de outras atividades que possam contribuir na aprendizagem dos brasileiros. Estes portais atendem a um público diversificado em termos de faixa etária.

O portal Historianet⁷ se apresenta dedicado exclusivamente a conteúdos de História, com textos e imagens sobre os principais momentos históricos do país e do mundo. Criado em 1999, é coordenado por um professor de História chamado Claudio Recco. Este portal tem por objetivo contribuir na aprendizagem de estudantes e professores de Ensino Médio, trazendo assim informações, análises de temas históricos, atualidades e questões de vestibular. Na barra de menu principal do portal, localizada no canto superior da página, aparecem os links de acesso às seguintes áreas do *site*: História, Atualidades, Comunidade, Vestibulares, Livros, Multimídia, Fale Conosco, Cadastre-se. A aba de História se desdobra nas seguintes sub-opções: História Geral, História da América, História do Brasil, História da Arte e História Temática. O item “Atualidades” conduz a textos que se relacionam mais com informações atuais, que tratam também do modo como a História influencia no nosso dia a dia. O item “Livros” conduz a uma página onde se apresenta uma lista bibliográfica, além de um pequeno resumo e informações sobre cada título elencado. Já a parte de “Multimídia” apresenta uma série de filmes acompanhados de sinopse e de comentários sobre suas relações com a História. Essas opções são oferecidas para facilitar o encontro dos vários conteúdos abordados, propiciando assim uma melhor interação entre o visitante e o portal. Para aqueles que desejam

⁷ <http://www.historianet.com.br/>

tirar dúvidas ou escrever comentários sobre os textos, existe também a opção de enviar uma mensagem eletrônica para os responsáveis pelo portal (no item “Fale Conosco”). Se o visitante tiver o interesse de receber atualizações, informações e promoções do Historianet diretamente no seu e-mail, ele tem a opção de se cadastrar na base do *site* (no link “Cadastre-se”).

O Historianet apresenta-se como um *site* especialmente voltado para estudantes que se preparam para a realização do vestibular. Para isso também disponibiliza questões de História e as suas respectivas respostas. Trata-se de questões de vestibulares realizados em grandes universidades brasileiras, entre os anos de 1999 e 2014. Na página principal do site encontra-se um sistema de busca onde o visitante pode consultar, dentre 1.128 conteúdos, por meio de palavras-chave, textos e questões relacionadas ao tema de seu interesse. O *site* também tem conexões no Facebook e no Twitter. Na última barra de menu, no canto inferior do portal, temos links de artigos de notícias relacionados à História e também um link criado especialmente para os professores chamado de “Espaço do Professor” que disponibiliza novidades em livros e roteiros de aula, especialmente para o uso de filmes em sala de aula.

Já o portal Brasil Escola⁸ caracteriza-se como o mais visitado *site* de educação no Brasil (segundo dados da comScore), centralizando conteúdo educacional e disponibilizando material diversificado aos visitantes, além de exercícios, dicas, exames, notícias e cursos *online*. Tudo isso pode ser facilmente encontrado no menu principal, fixado no canto superior da página, formado por um total de doze opções. Há também um sistema de busca de conteúdos, na parte superior da página, onde o visitante pode digitar o que procura no *site*. Em relação aos conteúdos apresenta as seguintes áreas de acesso: Disciplinas, Exercícios e Monografias. Em “Disciplinas” há vinte e duas disciplinas escolares oferecidas, dentre essas, quatro seções são voltadas para a área de História (História Geral, História do Brasil, História da América e História). Ao selecionar determinada disciplina, uma nova página é aberta onde há um resumo sobre a disciplina escolhida e logo abaixo uma lista de vários artigos relacionados a essa disciplina. Na seção de “Exercícios” disponibiliza-se onze disciplinas, dentre elas duas relacionadas da área de História. Em “Monografias” oferecem vinte e quatro disciplinas, sendo uma delas História. Para aqueles que desejarem ir além dos conteúdos escolares, há três opções no menu principal que oferecem acesso a conteúdos extras, dentre eles o Escola Kids, um portal educacional voltado para disciplinas escolares infantis.

O Brasil Escola fornece ainda conteúdos voltados para o Vestibular, o ENEM e até mesmo concursos. Já a seção “Educadores” disponibiliza matérias de interesse dos

⁸ <http://brasilecola.uol.com.br/>

professores. Na parte inferior do *site*, o segundo menu disponibiliza informações acerca do portal, através de seis opções e também onde seus serviços podem ser oferecidos em outros meios de comunicação na internet, tais como Facebook, Twitter e Google Plus.

O Brasil Escola faz parte da Rede Omnia, criada em 2002, uma empresa privada goiana ligada à rede UOL que administra *websites*, que são, em sua grande maioria, *sites* de educação. Segundo informações disponíveis no próprio *site*⁹, seus autores são formados por uma jovem equipe de profissionais que investe na transmissão de conhecimento através de novas tecnologias a fim de atender às necessidades do seu público, prezando pela excelência do trabalho oferecido e pela satisfação dos clientes. A Rede Omnia tem como principal “produto” o *site* Brasil Escola, um dos maiores *sites* brasileiros de educação e de serviço gratuito, que concorre com outros *sites* da própria instituição, como o Mundo Educação e o Alunos Online, já que possuem o mesmo público-alvo. Também fazem parte desse segmento educacional os *sites* Escola Kids, Português e História do Mundo.

O portal Historianet não disponibiliza o número de acessos que seus conteúdos possuem, e nem qualquer outro tipo de informação relevante sobre o perfil de seus visitantes, provavelmente porque não se trata de um *site* de grandes dimensões, como o Brasil Escola. Os gráficos e informações fornecidos sobre o Brasil Escola pela Rede Omnia se referem aos acessos feitos em 2014 e 2015. As informações disponíveis nestes gráficos revelam que o Brasil Escola é intensamente visitado, tendo seu número de visitas ultrapassado os vinte milhões de acessos. Metade das pessoas que o acessa possui entre 18 a 25 anos de idade e também a maior parte de seu público é do sexo feminino. Sobre o nível de instrução dos visitantes se chega à conclusão, ao se deparar com os dados disponibilizados, que a maioria deles não possui nível superior (65,4% dos seus visitantes não possui graduação). Todas essas informações sobre as condições de produção e difusão dos portais realçam a importância educativa destes *sites* e, portanto, a necessidade de estudos sobre as representações sociais que circulam em textos históricos.

CAPÍTULO 2

⁹<http://www.redeomnia.com/sobre-nos/>

REPRESENTAÇÕES DE CLEÓPATRA NO *HISTORIANET* E NO *BRASIL ESCOLA*

Os dois textos históricos presentes nos Portais Educacionais Historianet e Brasil Escola, que selecionamos para análise, tratam exclusivamente de Cleópatra e podem ser encontrados facilmente nos respectivos *sites*, pelo sistema interno de “busca” ao se consultar a palavra-chave Cleópatra. O objetivo principal desse capítulo é apresentar uma análise das representações sociais de Cleópatra nesses dois textos. Nessa análise observamos o modo como esses textos produzem sentidos e significados para a atuação de Cleópatra em torno de seu corpo (aparência física, beleza e ornamentos), governo, poder, sexualidade e relações afetivas/amorosa.

2.1 DEUSA E RAINHA GREGA DO EGITO

O texto “Cleópatra, a rainha do Egito”¹⁰ publicado no portal Historianet¹¹, em julho de 2006, é de autoria de Cristiano Rodrigo Catarin, licenciado em História que atua como professor na rede estadual de ensino e colabora na redação de artigos para o portal desde outubro de 2003¹². O seu texto vem acompanhado de uma imagem e apresenta-se dividido em oito partes: a origem e família da jovem rainha; o romance com Júlio César; uma esperança de vida; Cleópatra em Roma; o romance com Marco Antônio; a volta de Marco Antônio; a morte de Cleópatra. Assim inicia o texto:

Cleópatra, a rainha grega do Egito. Provavelmente tudo que o mundo sabe sobre ela esteja errado. Muitas versões a descrevem como uma mulher fatal e de rara beleza. Alguns relatos valorizam, com certo exagero, a questão estética da jovem rainha. Quem era a verdadeira Cleópatra?

¹⁰Ver o texto completo em Anexos.

¹¹ Cf. em <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=853>

¹² Cf. em <http://www.historianet.com.br/interno/default.aspx?s=13>



Trezentos anos antes de Cleópatra governar o país mais rico do mundo, Alexandre, o grande, tinha acabado de conquistar o Egito. Desejoso de ser considerado uma divindade, o comandante militar dirigiu-se ao templo de Siwa – onde fora proclamado um deus pelo oráculo. Alexandre conquistou o maior império de toda história, dominando terras que iam da Europa a Índia. Cleópatra certamente inspirou seus objetivos, sobretudo políticos, as façanhas alcançadas por Alexandre, o maior líder militar que o mundo já conheceu. Ela era ambiciosa, determinada e inteligente, mas sua aparência não era de uma mulher fatal (veja a ilustração acima).

Origem e família da jovem rainha

Cleópatra era descendente dos reis gregos do Egito, os ptolomáicos. Ela nasceu em Alexandria. Seus cabelos eram avermelhados, a ilustração acima não mostra a rainha utilizando-se de jóias. Definitivamente, estas não são características de uma mulher fatal. Por outro lado, uma harmoniosa combinação de: espiritualidade, determinação e inteligência tornaram Cleópatra à mulher mais famosa do mundo. A localização dos ancestrais da jovem rainha fica a oitocentos quilômetros de Alexandria, na ilha de Filae. Nesta região, durante 300 anos, foram construídos templos dedicados aos XII Ptolomeus. Ptomoleu III foi o último grande faraó da era ptolomáica, reconquistando grande riqueza que havia sido perdida para outras civilizações. Ptolomeu IV foi um grande fracassado que perdera grande parte das riquezas do Egito antigo. (...) (CATARIN, 2006).

Nessa introdução o autor revela uma concepção de história como verdade, ao declarar que “Provavelmente tudo que o mundo sabe sobre ela [Cleópatra] esteja errado”, e ao utilizar termos como “verdadeira Cleópatra” e “definitivamente” em sua narrativa. Trata-se de uma perspectiva histórica pautada na ideia de princípios universais e que não reconhece a multiplicidade de interpretações para o passado, que toma as fontes (neste caso uma imagem) como reflexos fiéis do passado e julga as outras versões da história como “erradas”. Para isso se fixa na imagem de Cleópatra como uma mulher “ambiciosa, determinada e inteligente”, indo contra a ideia amplamente difundida de que ela era uma “mulher fatal de rara beleza”. Para sustentar essa ideia, o autor tem como referência uma representação visual de Cleópatra em forma de escultura. Partindo de juízos estéticos de valor, considera que Cleópatra não foi uma “mulher fatal”. Para chegar a essa conclusão o autor baseia-se na observação de uma imagem sem legendas e, portanto, sem autoria, sem datação e local de exposição. Trata-se de um busto de mármore de Cleópatra VII do Egito, datado de 30-40a.C. (fim da dinastia

ptolomaica), de autoria de Louis le Grand que se encontra no Museu de Berlim (AltesMuseum Berlin). Desse modo, o autor toma a imagem como uma evidência e ilustração do real, e a interpreta a partir de valores contemporâneos em torno do que seria uma “mulher fatal”, cuja riqueza ou simplicidade é medida pela presença de jóias e pela cor dos cabelos. Devemos notar aqui as concepções e valores de gênero e raça que orientam a escrita da história de Cleópatra. A concepção de “mulher fatal” é assim tomada como universal, já que não é particularizada. Desse modo, a imagem de Cleópatra construída pela história revela também padrões estéticos do presente que se projetam sobre o passado. Como bem disse Ella Shohat,

Nem todas as culturas consideraram feio o nariz adunco. Diferentes épocas e diferentes espaços geo-culturais possuíram diversas normas estéticas, inseparáveis de ideologias do corpo e da sexualidade fundadas no gênero. A relatividade da beleza já estava avançada na antiguidade, implícita na sugestão de SextusEmpiricus de que os etíopes preferiam as mais negras e de nariz mais achatado e os persas as mais brancas e de nariz mais adunco. Escritores contemporâneos, mesmo quando fazem o gesto para a dificuldade de definir a beleza, expressam fortes convicções sobre a beleza ou a feiúra de Cleópatra. (2004, p. 35).

Ainda segundo a autora, os debates sobre a representação visual de Cleópatra coincidem com a emergência de configurações raciais de beleza. Há um olhar normativo que vem, sistematicamente, desde o Iluminismo e dos discursos científicos e raciais do século XIX, desvalorizando toda a aparência e estética não europeia (2004, p. 33). Se Cleópatra tinha um visual atraente ou não, isso é muitas vezes medido pela sua semelhança com as mulheres brancas das elites que governavam na antiguidade greco-romana. Não por acaso, “os traços de Cleópatra foram submetidos a escrutínio” (SHOHAT, 2004, p. 34) pautados em padrões raciais de beleza. Em muitos casos livraram Cleópatra do nariz adunco para atribuir-lhe uma aparência europeia mais apropriada a “seres superiores”. A questão não é simplesmente se ela era bela ou feia, mas o modo como essas discussões sobre sua aparência são marcadas por concepções de gênero e raça emblemáticas de uma cultura visual eurocêntrica (SHOTAT, 2004, p. 36). Estas discussões remetem aqui aos juízos estéticos de valores que circulam também no conhecimento histórico midiático disponível nos portais educacionais da web.

Com o passar dos anos, questões foram levantadas sobre as origens de Cleópatra, envolvendo seus ancestrais e a raça de sua descendência. Muitos textos já reconhecem a dificuldade de estabelecer plenamente suas origens, contudo vários autores continuam a fazer fortes afirmações. Nas afirmações de que ela foi negra, africana e egípcia ou que foi branca, greco-macedônia e europeia, percebemos disputas pela origem da história da “civilização”. A

figura de Cleópatra acabou se transformando em mais um ponto de interpretação e discussão também para as lutas raciais contemporâneas, especialmente no “Ocidente” pós-colonial. Segundo Michael Foss (1987),

A avó de Cleópatra era uma concubina; sua mãe não é conhecida. Dadas as incertezas de sua ascendência, um pesquisador estimou que seu sangue tinha 32 partes de grego, 27 partes de macedônio e 5 partes de persa. É uma estimativa razoável. Se era negra, ninguém o mencionou (FOSS, *The Search for Cleopatra*, 1987).

Ella Shohat, ao observar as disputas em torno da cor da pele de Cleópatra, afirma que essa questão não deve ser apenas examinada no domínio da Antiguidade, mas deve ser também observada no contexto colonial e das suas consequências. Jack Lindsay focando-se na sua ascendência dos Ptolomeus, afirma que Cleópatra tinha principalmente “sangue macedônio”, embora admita que restam algumas perguntas sobre a etnia de sua avó, porém contesta qualquer argumento de que a avó de Cleópatra fosse egípcia, quando escreve que “ela não tinha sangue egípcio”. Michael Grant também acredita que ela não tinha “uma gota de sangue egípcio em suas veias”. Sarah Pomeroy tenta afirmar a possibilidade das origens mistas de Cleópatra. Shohat crê que tomar partido de um lado ou de outro não traria a resolução da questão em si, pois

mesmo que suponhamos que Cleópatra “não tinha uma só gota de sangue egípcio”, seria difícil rejeitar categoricamente toda e qualquer mistura em sua linhagem e, por implicação, uma certa contribuição da posição afrocêntrica.[...] Tanto a equação simplista entre, de um lado, ser egípcia e negra, quanto, de outro, ser grega e branca, essencializam geografias culturais (SHOHAT, 2004, p. 20).

Essa discussão não é tratada no texto do Historioanet. Além disso, o texto não faz qualquer menção sobre o Egito como parte do continente africano. Ao mencionar a cor avermelhada de seus cabelos, sinaliza também uma origem branca e europeia, reforçando a sua representação como “rainha grega do Egito”.

Ao falar de Cleópatra, o texto de Catarin inicia-se contestando a ideia de que ela foi “mulher fatal”. Afinal o que seria uma “mulher fatal”? Trata-se de uma velha imagem das mulheres como seres que seduzem e enganam os homens, pela beleza física de seus corpos e que pode assim levá-los à destruição. A “mulher fatal” está presente no imaginário cristão desde a Eva do Gênesis que seduz Adão e os leva à perda do paraíso. Durante muito tempo, no imaginário cristão as mulheres foram consideradas seres mais “perigosos” e “fatais” devido ao “poder” de sedução sexual que podiam exercer sobre os homens. Nesse sentido, os homens

deviam ter por elas sentimentos contraditórios em constante oscilação entre atração e repulsa, admiração e hostilidade. No início da Idade Moderna, na Europa ocidental, as mulheres foram identificadas também como perigosos “agentes de Satã”, por homens da Igreja, juízes leigos, médicos e homens da imprensa. Jean Delumeau (2009, p. 320-334) descreve como os homens daquela época viam as mulheres como seres “fatais”, sob a crença de que elas os impediam de serem eles mesmos, de realizarem sua espiritualidade e encontrarem o caminho para a sua salvação. Diretamente ligado a esse pensamento, pregadores dos séculos XV e XVI, como Ménot culpavam a beleza das mulheres pelos erros e pecados cometidos pelos homens. A maneira como elas se vestiam e se enfeitavam com jóias devia revelar sua ligação com o diabo e o modo como faziam os homens abandonarem o “verdadeiro Deus”, ao se renderem cegamente às paixões da carne.

Não por acaso, as mulheres que subvertem e rompem com os papéis socialmente construídos, como Cleópatra, foram implacavelmente condenadas pelos documentos históricos, escritos em sua maioria por homens. A imagem de uma Cleópatra sedutora, como “mulher fatal”, cujo corpo se constitui como meio de exercer política, foi amplamente influenciada pelos relatos de Plutarco (46 d.C. a 120 d.C), escritor greco-romano que discutiu a sedução do corpo como arma política de Cleópatra VII (BALTHAZAR, 2009).

Catarin, para reforçar a imagem de Cleópatra como mulher inteligente, ambiciosa e determinada, toma também o caminho da negação de sua beleza, a fim de desconstruir a imagem amplamente difundida na mídia e na história de que seu poder e ações tenham resultado apenas de sua atraente e sedutora beleza física. Mesmo destacando a inteligência, a determinação e as políticas empreendidas por Cleópatra, seu discurso não deixa de incorrer em classificações do corpo, especialmente da aparência física, de Cleópatra. Ou seja, o autor não questiona a própria noção de “mulher fatal”. Muito pelo contrário, ele tem essa noção como referência para classificar as ações de Cleópatra.

As discussões acerca da beleza física de Cleópatra só começaram a ocorrer recentemente, após a exposição de artefatos como o “Busto de mármore de Cleópatra VII do Egito” no Museu de Berlim e a revelação de uma moeda antiga com as faces de Cleópatra e Marco Antônio, disponível no museu de Newcastle na Inglaterra. Na internet, isso foi amplamente divulgado e questionado a partir do ano de 2008, quando foi exposta uma reconstrução (retrato computadorizado em 3D) da face de Cleópatra¹³. A egiptóloga Sally Ann Ashton, do Departamento de Antiguidades do Museu Fitzwilliam, de Cambridge,

¹³ Cf. *site* “A busca pela sabedoria” (2008) in <http://abuscapelasabedoria.blogspot.com.br/2013/10/cleopatra-era-feia.html>.

baseando-se em evidências históricas e representações de antigos artefatos buscou reconstituir o que pode ter sido a aparência provável de Cleópatra. A evidência fundamental dessa reconstituição foi um anel que supunham mostrar uma Cleópatra jovem. Ashton explica que a razão que a levou a escolher este anel em particular é devido ao fato dele ser egípcio.

Em 2011 o livro “Cleópatra – Uma Biografia”, da jornalista americana Stacy Schiff, eleito como o melhor livro do ano pelo New York Times, promoveu essa imagem de Cleópatra como mulher feia, pela presença de nariz adunco e cabelos cacheados, em clara referência a um padrão estético de beleza que desvaloriza a aparência e estética de mulheres negras. É só com a negação de sua beleza que a autora vê a possibilidade de afirmar que Cleópatra então só poderia ser mesmo uma estadista arrojada por conseguir triunfar em um mundo dominado por homens. Segundo reportagem da revista Isto É (online) sobre o livro,

Cleópatra, a fascinante rainha do Egito, não era linda. Nem sequer bonita. Era quase feia. Tinha um nariz adunco e grande e os cabelos cacheados, bem diferentes de sua pública marca registrada, a franja e os fios longos e lisos. Mas, sim, era extremamente sedutora e “escravizou” vários homens, entre os quais dois dos mais poderosos de seu tempo, o general romano Júlio César e seu protegido e sucessor, Marco Antônio. O livro “Cleópatra – Uma Biografia” (Zahar), da jornalista americana Stacy Schiff, mostra que a mulher desavergonhadamente sexual, de acordo com a construção que lhe foi dada pela história e pelas artes, era, na verdade, um genuíno ser político. Poder era o seu afrodisíaco. Ao longo das páginas, seu nome costuma ser ornamentado com apostos como traidora, ardilosa, assassina, irascível, falsa, astuta, esperta, ávida, ambiciosa, etc. Mas, reconhece-se, era ameaçadoramente inteligente e independente¹⁴.

Se Cleópatra não era bela, não podia ser uma “mulher fatal” que seduz facilmente os homens e que consegue poder, respeito e influência graças à sua beleza. Para exaltar a sua inteligência e independência, seu aspecto de estadista e ser genuinamente política, parece necessário negar a sua beleza física. Assim, a medida do corpo feminino, de sua beleza e poder de atração sexual, é naturalizada e universalizada, constituindo-se em critério para julgamento das capacidades e ações de Cleópatra. Nesse caminho, o autor destaca as origens europeias de Cleópatra ao mencionar que ela nasceu em Alexandria e que se tornou a “rainha grega do Egito”. Mesmo não sendo bela, nem ostentando riquezas, a sua origem é posta na Grécia, o que podem também corroborar com sua inteligência. Trata-se de uma discussão fortemente enraizada em um discurso eurocêntrico e colonialista que nega que os antigos

¹⁴ http://www.istoe.com.br/reportagens/131117_A+VERDADEIRA+CLEOPATRA.

egípcios tivessem sido negros e que também tivessem criado uma “civilização” na antiguidade.

Como bem observou Shohat, as origens brancas de Cleópatra inscrevem-se em uma história refeita para conformar-se às normas colonialistas, “em nome de um eterno ‘Ocidente’ único desde o momento de sua concepção. Os discursos sobre as origens de Cleópatra e de sua identidade racial dependem do modo como a Grécia e o Egito Antigo são imaginados. Trata-se de discursos presos na luta sobre as “verdadeiras origens” da “história” e da “civilização”, que em sua maioria se posicionam como eurocêntricos ou afrocêntricos, ambos de lógica segregacionista que ignoram o sincretismo cultural que ocorreu especialmente no espaço do mediterrâneo” (SHOHAT, 2004, p. 31). Segundo Shohat,

A suposição de que trezentos anos de população greco-macedônia no Egito não teriam produzido uma mistura cultural suficiente para fazer de Cleópatra uma figura sincrética é altamente questionável. Alguns escritores, entretanto, afirmaram que, embora Cleópatra falasse egípcio, ela era grega. Mas, mesmo que suas origens fossem de fato “puramente greco-macedônias”, tal discurso implica que a coabitação em um lugar por gerações, bem como o domínio de sua língua e cultura nativas, são irrelevantes para formar a identidade; pois a identidade é estritamente definida pelas origens biológicas e geográficas. Assim como no debate da cor de Cleópatra, também aqui os discursos antropológicos do século dezenove, ligados apenas às genealogias etno-culturais e ao mapeamento de noções fixas e essencialistas de identidade, têm impacto sobre a configuração da filiação cultural de Cleópatra e, por assim dizer, a petrificam (2004, p. 32).

O texto de Catarina também se alia aos discursos eurocêntricos que associam fortemente Cleópatra e o Egito Antigo à Grécia, orientado por uma epistemologia eurocêntrica que acaba também por silenciar o sincretismo cultural e reforçar as “origens da civilização” na Europa.

O texto menciona ainda Alexandre, o Grande, ao descrever as suas façanhas, em particular, no Egito e como elas inspiraram Cleópatra nos seus objetivos e assuntos políticos. Desse modo, reforça novamente a associação de Cleópatra com os europeus. Suas ações e interesses não parecem autônomos e nem relacionados aos egípcios ou africanos, mas sim inspiradas nas de um homem europeu, rei e conquistador pertencente ao reino grego antigo da Macedônia, e que ainda é amplamente sacralizado e reverenciado na história da antiguidade europeia.

O texto trata ainda dos relacionamentos amorosos de Cleópatra com os romanos Júlio César e Marco Antônio. Nesse ponto a narrativa de sua história concentra-se muito mais nas

suas relações com os homens do que nas ações políticas que ela empreendeu no Egito. Assim diz o texto:

Júlio César, poderoso general romano, acompanhou de perto as desavenças entre Cleópatra e seu irmão, e no palácio de Alexandria, mandou chamá-los para entender melhor a questão. (...) Fontes antigas nos revelam que Cleópatra chegou até César antes de seu irmão. Enrolada e escondida em um tapete, ela temia ser surpreendida pelo seu irmão. O general romano ficou impressionado com a jovem rainha. Desde então uma atração física começou a dominar o futuro casal (CATARIN, 2006).

Interessante observar que, no texto de Catarin, Cleópatra não é “mulher fatal” que simplesmente atrai os homens, apesar de ter “impressionado” César. Ela também se sente atraída, já que o autor destaca a atração física mútua entre ela e César. Aqui a heterossexualidade aparece como a norma e Cleópatra ganha também contornos de amante, esposa e mãe. Não por acaso o autor enfatiza a “atração física” de César e Cleópatra e o “amor” dela por ele, e “não por Roma”; além dos sentimentos e ressentimentos de Cleópatra ao ser “abandonada” grávida de gêmeos por Marco Antônio. O autor inicialmente nega a beleza de Cleópatra, mas não deixa de ressaltar a sua sexualidade e sentimentos íntimos considerados típicos de uma mulher dependente do amor e desejo masculinos. Desse modo, as suas relações com homens parecem definir e orientar as suas ações, em sinal de dependência. O sexo e a maternidade aparecem como armas políticas de Cleópatra. Trata-se de uma história que se alia às histórias do tipo androcêntricas e essencialistas que veem o feminino sempre a partir de seus corpos, ou seja, a partir dos usos que fazem de seus corpos perante os homens.

Catarin percebe Cleópatra como uma rainha inteligente, capaz de governar um país de grandes riquezas. A inteligência é descrita pelo autor como seu “maior patrimônio”. Não por acaso, essa inteligência aparece associada ao apreço que ela tem pelos livros, pois segundo o autor, Cleópatra se mostrou profundamente magoada com o incêndio da biblioteca de Alexandria. Além disso, sua inteligência e habilidade administrativa também são mencionadas, quando diz que ela, ao tentar melhorar a situação do Egito, explorou as “estradas de comercio (com a extração do Pófiro) e a rota das caravanas, esta última, estabelecida desde a era ptolomáica. A rota das caravanas desempenhava um duplo objetivo econômico, além de abastecer o comercio local, era também a principal mantenedora dos luxos do palácio egípcio” (CATARIN, 2006).

O texto do Historianet revela, portanto, representações de Cleópatra como: “rainha grega do Egito”, “ambiciosa”, “determinada”, “inteligente”, “mãe”, “amorosa”, “apaixonada”, “espirituosa”, “mulher mais famosa do mundo”, “deusa”, “mulher mais poderosa do mundo”

e “amante”. Sua imagem como “deusa” denota também as concepções espirituais dos antigos egípcios sobre seus governantes. Segundo o autor,

Cleópatra era considerada uma deusa, César como seu acompanhante também era visto como um deus. (...) César agora era um deus que teria um filho com Cleópatra. Esta idéia de governar Roma como um deus contaminou os sucessores de César. Era o fim da democracia no senado romano (...). Cesário, filho de Cleópatra com César governaria um grande império como o de Alexandre. Era uma possibilidade que passou a ser uma obsessão da jovem rainha. (...) César ganhou muito dinheiro e comprou muitas casas, construiu um templo com a estátua de Cleópatra e um belo jardim para sua amada. Isto revelava o quanto era verdadeiro seu amor pela rainha do Egito. Já por dois anos em Roma, Cleópatra – aliada ao homem mais poderoso do mundo – tornou-se a mulher mais poderosa do mundo. Parecia certo que seu filho, Cesário, herdaria um império de grandeza similar ao conquistado por Alexandre, o grande. A idéia de eliminar a república romana não agradou nenhum pouco o senado. César foi terrivelmente assassinado por inimigos políticos (CATARIN, 2006).

Nesse enunciado o autor deixa entrever as influências, diálogos e sincretismos culturais que pouco são explorados nas histórias das relações entre os egípcios e romanos no antigo mediterrâneo. No entanto, a influência das concepções egípcias sobre seus governantes como deuses, foi vista como ameaça pelos senadores romanos e por isso combatida. Aqui a relação de César com Cleópatra impõe influências negativas e doentias, já que ganha o sentido de “contaminação”. Cleópatra e o Egito “contaminam” com suas crenças os governantes romanos que acabam se vendo como deuses, e desse modo ameaçam Roma.

O autor ressalta que César mostrou certo interesse pelos costumes egípcios, principalmente pela crença na vida após a morte (pela imortalidade) e que este foi um dos motivos que levou os senadores romanos a irem contra César. Depois da morte de César, Cleópatra voltou para o Egito com o seu filho, Cesário. Segundo o autor, César e Cleópatra eram apaixonados um pelo outro e que por isso suas relações iam além da política.

Devido à posição de poder em que Cleópatra se encontrava dentro da sociedade egípcia, muitos historiadores, estudiosos e intelectuais, fizeram uma associação de seu governo ao das “rainhas” europeias, desse modo se referem a ela como “rainha”. Trata-se de uma imagem bastante difundida que acaba por cair em anacronismo, pois os valores, conceitos e modos de nomear o governo das mulheres no antigo Egito eram diferentes dos europeus. De acordo com o Oxford Dictionaries, a palavra “rainha” significa a mulher do rei, governante feminina de um Estado independente, em especial aquela que herda a posição por direito de nascimento. Não por acaso, o autor do texto destaca que Cleópatra não foi uma

“rainha” qualquer, haja vista que as rainhas europeias assumiram historicamente um lugar secundário no governo de seus maridos. Assim, a história faz uso também de representações sociais que acabam atribuindo sentidos que limitam, reduzem e generalizam as ações políticas das mulheres.

O autor destaca que após a morte de César, Cleópatra começou a ter um relacionamento com Marco Antônio. A aliança dos dois ameaçou o interesse de Otaviano, sobrinho de César, pelo trono de Roma que por fim venceu o conflito que levou à morte de ambos. Sobre a morte de Cleópatra, o autor abre uma discussão que, até hoje, não se chegou a uma conclusão. Assim o autor finaliza o texto:

Muitos textos antigos afirmam que ela tenha sido morta por meio de uma picada de cobra. (resta saber se por uma NAJA, ou uma VÍBORA). A Naja possui um veneno mais letal e sua picada é de difícil identificação. Já a Víbora provoca um inchaço grotesco, e, por esta razão, a morte por meio de uma víbora é descartada por estudiosos. (...) A morte por meio da picada da naja evitaria a exposição de Cleópatra num triunfo romano, conforme desejo de Otaviano. Cleópatra estava confinada num dos quartos do palácio e, tudo que era levado até ela era inspecionado para evitar seu suicídio. Mas de alguma forma, ela conseguiu se matar conduzindo uma de suas mãos a uma “compota” onde uma naja estaria entre os frutos. Quando os soldados romanos de Otaviano entraram no quarto da rainha, ela já jazia morta e vestida com trajes reais. Otaviano nada pode fazer a não ser expor para seu poderio militar um retrato da rainha Cleópatra. (...) Os dois filhos gêmeos de Cleópatra perderam-se na história. Otaviano matou Cesário, impedindo definitivamente qualquer chance de prosperidade política para o filho da rainha. Alexandria deixou de ser um lugar dedicado ao saber, passando a ser uma mera província romana no Egito. Mas Cleópatra nunca fora esquecida. Ela era a rainha do antigo Egito (CATARIN, 2006).

Por fim, Cleópatra é vencida e comete suicídio. Até mesmo sua morte é cercada de discussões que envolvem o seu orgulho e poder. No entanto, destacam-se as ações de Otaviano que aparece em triunfo, pondo fim ao poderio de Cleópatra. O autor, no fim ressalta que ela “nunca fora esquecida”, por ter sido a “rainha do antigo Egito”. Desse modo, apenas como “rainha” tem o seu lugar reconhecido na história e memória.

O texto disponível no Historianet não apresenta qualquer referência bibliográfica em sua composição. O autor apenas menciona vagamente o que dizem as “fontes antigas” e “muitos textos antigos” sobre Cleópatra. Esse procedimento também é comum em alguns livros didáticos de história. A história é apresentada de forma fragmentada, em um desejo de síntese, como informações tidas como neutras e verdadeiras sobre o passado, sem a necessidade de percepção de que se trata de uma interpretação particular construída a partir

dedeterminados valores, crenças concepções de ensino-aprendizagem, noções de história e referências bibliográficas e documentais.

2.2 AUDACIOSA AMANTEE SEDUTORA

O texto “Cleópatra”¹⁵, publicado no Brasil Escola entre 2010 e 2015, tem como autor Rainer Gonçalves Sousa que é licenciado em História pela Universidade Federal de Goiás, tendo obtido o título de mestre em História pela mesma instituição. Este autor já atuou como professor de Ensino Fundamental e Médio na rede municipal de ensino de Goiânia e na rede estadual de ensino de Goiás, bem como em outras instituições particulares. Além disso, produziu materiais didáticos para diferentes portais de educação disponíveis na internet e atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás–Campus de Goiânia¹⁶.

Sousa produziu este texto sem divisões de conteúdo (ou subtítulos), o que o transformou basicamente em um texto corrido dividido em parágrafos. Abordando os feitos de Cleópatra, seu conteúdo começa a partir do seu nascimento e vai até a sua morte, assemelhando-se à estrutura do texto do Historianet. É importante mencionar que esse texto faz parte de um agrupamento de artigos sob o tema “Grandes Mulheres da História”, o qual nos apresenta outras figuras femininas de importância histórica como a Rainha Elizabeth, Hatshepsut, Isabel de Castela, Anita Garibaldi, Joana D’Arc, Maria Madalena, Margareth Thatcher, Rainha de Sabá, Catarina, a Grande, Maria Stuart e Rainha Vitória. Cláudio Fernandes é o autor do texto introdutório dessa página que comporta os *links* de acesso aos artigos referentes a cada uma dessas “Grandes Mulheres da História”. Assim diz o texto:

Ao longo da história, muitas personalidades tiveram amplo destaque, tanto homens como mulheres. Mas há de se dizer que o papel preponderante que as mulheres desempenharam em vários momentos históricos possuiu um significado mais forte, sobretudo quando esse papel foi realizado em âmbitos como a gestão de um império ou um comando militar, haja vista que, em muitas civilizações, a mulher foi encarada como um ser com limitações sociais e sem virtudes políticas. Muitas grandes mulheres têm mostrado que as suas habilidades e capacidades não podem jamais ser subestimadas (FERNANDES, 2010/2015).

¹⁵ Ver texto completo em Anexos.

¹⁶ Informações disponíveis em www.escavador.com/sobre/6401983/rainer-goncalves-sousa

De acordo com Diva Muniz (2010), o desenvolvimento da história das mulheres e dos estudos de gênero na academia, bem como as demandas feministas pelo registro da memória e história da atuação política das mulheres no passado, vem colaborando, desde os anos sessenta, nessa promoção da história das mulheres. No entanto, a história das mulheres ainda tem como principais protagonistas as mulheres tidas como excepcionais, que puderam atuar no governo ou no comando militar. Permanece assim o silêncio sobre a vida de mulheres comuns. Como bem observou Joana Pedro (2005, p. 83), a antiga forma de escrever a história dava destaque a personagens, em geral masculinos, que haviam participado de governos ou guerras. Para muitos, estas participações são as únicas dignas de “imortalidade” e prestígio. Trata-se de uma “história de governantes e de batalhas”, onde não há lugar para as mulheres e nem mesmo para os homens comuns que não ocupam cargos no Estado ou funções em uma guerra. Neste tipo de história,

as mulheres só eram incluídas quando ocupavam, eventualmente, o trono (em caso de ausência de filho varão) ou então quando se tornavam a “face oculta” que governava o trono, ou a república, por trás das cortinas, dos panos, do trono ou seja lá do que for, numa clara insinuação sensual/sexual que pensa que as coisas são decididas nos leitos de amantes. Estes leitos costumam ser considerados os responsáveis pelas “grandes” decisões da história, e promovem a queda ou a ascensão de governantes. Carregadas de estereótipos, estas análises reforçaram mitos ora da suprema santidade, ora da grande malvadez das poucas mulheres que ocupam algum cargo de destaque nos governos e/ou nas guerras. Engrossam este panteão as rainhas, as princesas e as donzelas guerreiras, das quais Joana D’Arc é uma espécie de arquétipo do “bem”, enquanto Lucrecia Borgia, por exemplo, é considerada um exemplo do “mal” (PEDRO, 2005, p. 84).

Não por acaso, o portal Brasil Escola segue essa tendência de escrita da história de governantes e de batalhas, onde as mulheres destacadas tem relação com a guerra e o governo. É assim que Cleópatra, dentre outras, ganha seu lugar na história promovida pelo portal.

Tratando bem superficialmente do nascimento de Cleópatra, o texto de Sousa trata de como ela viria a ser conhecida como “uma das mais famosas e intrigantes rainhas do Egito”. Devemos ressaltar que esse texto faz menção ao Egito como uma região do Continente Africano. Há um reconhecimento do Egito como parte da África, e especialmente de seu pai (Ptolomeu) como um rei egípcio. No entanto, sua herança europeia também é destacada, especialmente no que diz respeito ao seu poderio e governo. Assim diz o texto:

No ano de 69 a.C., o rei egípcio Ptolomeu teve a oportunidade de assistir o nascimento de sua filha mais velha, Cleópatra, que viria a ser conhecida

como uma das mais famosas e intrigantes rainhas do Egito. Nascida na cidade macedônica de Alexandria, esta rainha herdou as heranças gregas e persas que se instituíram na região nordeste da África pela ação do imperador macedônico Alexandre, o Grande (SOUSA, 2010-2015).

Aqui também se destaca a associação de Cleópatra com Alexandre, o Grande, já que ela aparece como herdeira de um poderio conquistado por ele. O texto segue destacando as suas relações com os homens como algo que lhe garante um lugar de poder na história. Assim ganham destaque no texto os personagens masculinos: pai, irmão, Alexandre, Pompeu, Júlio César e seu filho.

O texto de Sousa também discute a aparência física de Cleópatra, e especialmente a chamada ideia “exagerada” que fizeram por muito tempo sobre sua beleza. Assim diz o texto:

Longe de ser apenas uma mulher fútil, poderosa e entregue aos prazeres da vida, Cleópatra ansiava dar fim às dominações estrangeiras que tomavam seu reino. Além disso, era conhecida como hábil debatedora e dominava várias línguas como aramaico, persa, somali, etíope, egípcio e árabe. Segundo o historiador Plutarco, ela não detinha atributos físicos, mas se valia de outros artifícios para alcançar seus objetivos (SOUSA, 2010-2015).

Devemos notar que nesse enunciado as ações políticas de Cleópatra encontram também um fundamento na vontade de “dar fim às dominações estrangeiras” em seu reino. No entanto, ao longo do texto o autor acaba muito mais enfatizando a audácia e a ambição como fundamento para suas ações. Além disso, não esclarece que “outros artifícios” Cleópatra usou para alcançar seus objetivos, sendo que os escritos de Plutarco destacam o uso que Cleópatra fez de seu corpo, ao seduzir sexualmente os homens, como arma política (BALTHAZAR, 2009). No entanto, o texto destaca as relações amorosas e sexuais de Cleópatra, chegando a classificar a relação de Marco Antônio com ela como uma “aventura amorosa”. Dessa forma trata Cleópatra como uma “audaciosa amante” e sedutora que conseguiu conquistar dois importantes homens romanos para realizar os seus desejos. Assim escreve o autor,

Em contrapartida, Cleópatra arquitetou um plano em que conseguiria encontrar Júlio César sozinho e vulnerável à sedução da rainha. [...] A aliança entre César e Cleópatra a transformou em senhora do Egito. [...] Organizando uma comitiva suntuosa e adornada com vários elementos que faziam menção à mitologia grega, Cleópatra não teve grandes dificuldades para conquistar o general (SOUSA, 2010-2015).

Aqui a imagem de Cleópatra parece remeter à imagem de “mulher fatal” que seduz os homens, naturalizando a sedução feminina e a vulnerabilidade dos homens. A sedução

sexual aparece como algo fatal para os homens, contra ela não podem lutar e acabam cedendo. Desse modo, a sedução atribui a culpa às mulheres e vitimiza os homens quando é conveniente. A sedução aparece como arma política de Cleópatra. César e Marco Antônio aparecem como vítimas vulneráveis dessa sedução, de uma atração irracional que parece movida pela ambição de poder de Cleópatra. Suas relações amorosas e até mesmo a sua maternidade parecem voltadas para a realização de seus desejos de poder. Como rainha, amante e mãe, Cleópatra exerce o poder por meio do seu corpo. Novamente sua história ganha sentidos e razão nos usos que Cleópatra faz de seu corpo e sexualidade.

O texto não faz menção a qualquer referência bibliográfica ou documental que possa ter sido utilizada na sua redação. Trata-se de uma característica comum a todos os textos disponíveis no portal. Segundo Nucia Oliveira e Matheus Silveira, em análise de conteúdos históricos em sites de pesquisa escolar,

Aquele que acessa a textualidade eletrônica – como a dos sites escolares – está sujeito a uma nova ótica de leitura e compreensão de dados, com práticas costumeiras se adaptando ou desaparecendo. A alteração de critérios de aceitação de argumentos passa, por exemplo, pela sensação de desconfiança em relação aos textos postos na web. Mas a inexistência ou a diminuição dos rigores da escrita impressa (sobretudo nos aspectos de referência) não reflete necessariamente um conteúdo falseado ou indigno, como em alguns casos, pudemos inclusive observar. A internet, principalmente para seus usuários, é uma plataforma de leitura diferente, onde a importância de fatores como referência e mesmo autoria são muito menores. A internet é, ou pretende ser, um campo livre de maiores formalismos; é calcada em lógicas como compartilhamento de informações e de dados, é fundada nesta concepção e a retroalimenta (2014, p. 5).

Assim, Plutarco é mencionado no texto, mas sem referência. Além disso, o texto vem acompanhado de uma imagem de Cleópatra, mas que não é mencionada no corpo de texto. Assim a imagem aparece como ilustração descontextualizada, já que não disponibilizam informações (ou legendas) sobre a imagem. Vejamos a imagem abaixo:



Fonte: <http://www.brasilecola.com/historia/cleopatra.htm>

Trata-se do fragmento de uma base em relevo que retrata Cleópatra e que se encontra no Museu do Louvre em Paris, datada entre o terceiro e o primeiro século a.C.. O portal utiliza a imagem como algo “meramente ilustrativo”, sem dar os devidos créditos e importância ao autor, ao ano de sua criação ou ao lugar de exposição.

No decorrer do texto, principalmente quanto trata da vida amorosa de Cleópatra, o autor insiste em mostrar a personagem como uma mulher inteligente e engenhosa que vê tanto Júlio César quanto Marco Antônio como homens vulneráveis ao seu corpo na busca pelo poder. Na frase – “em mais uma ação de extrema audácia, a rainha Cleópatra resolveu ir até Roma e visitar o seu amante e parceiro político” (SOUSA, 2010-2015), – pode-se entender que pela visão do autor ela foi contra o que se esperava dela naquela época e talvez até nos dias atuais. Apesar de ser rainha do Egito, seu papel como mulher e amante do general “estabelecia” que esta deveria se manter passiva à espera dos “comandos” do amante. Não por acaso, Marco Antônio tem com ela uma “aventura amorosa”, o que parece não ser nada séria, uma relação frágil e momentânea, movida apenas pelo sexo e o prazer.

Por fim, Sousa falado relacionamento de Cleópatra com Marco Antônio, da maneira como ela o conquistou chegando ao ponto de fazê-lo abandonar a própria esposa para se juntar a ela. O autor conta que os dois tiveram três filhos, os quais foram transformados em reis das regiões que estavam sob os seus poderes. A história do casal termina no momento em que saem derrotados do combate contra Otávio e em consequência ambos cometem suicídio.

Foi possível identificar no texto de Sousa, representações de Cleópatra como “senhora do Egito”, “audaciosa amante”, “rainha de Roma”, “hábil debatedora” e “uma das mais famosas e intrigantes rainhas do Egito”. O autor pode ter a intenção de relatar os acontecimentos e fatos históricos que fizeram parte da vida de Cleópatra da maneira direta e mais imparcial possível para o texto se tornar um material que ajudaria no desenvolvimento acadêmico dos visitantes, contudo é notável, no decorrer da leitura do texto, que a representação que nos traz de Cleópatra é de uma mulher que utiliza, “audaciosamente”, os seus amantes, para alcançar os seus objetivos, ou seja, o poder de governar. Pode-se dizer ainda que essa imagem se aproxima da ideia de “mulher fatal” tratada anteriormente. Não por acaso, o autor menciona que por causa de Cleópatra, tanto César quanto Antônio encontram o seu fim mais cedo do que esperavam. Segundo o Dicio¹⁷, dicionário *online* de português, a palavra “audácia” significa:

¹⁷ Cf. <http://www.dicio.com.br/audacia/>

Aptidão ou tendência que impulsiona o indivíduo para que este realize ações difíceis, não se importando com o perigo das mesmas; ousadia. Característica da pessoa definida por se opor ao que está previamente estabelecido; algo que expressa inovação. Particularidade de algo ou de alguém que não demonstra respeito; qualidade do que ou de quem não possui consideração por outras pessoas, além de si mesmo; atrevimento: ela teve a audácia de questionar seu professor. (Etm. do latim: audacia.ae)

A representação de Cleópatra como “audaciosa amante” confere um sentido subversivo e ousado às suas ações. Como se seu comportamento fosse além dos limites ou rompesse com algo estabelecido e reconhecido por todos como a norma. No campo da história, essa imagem revela muito mais as expectativas e julgamentos que os autores fazem em torno das ações das mulheres na história, a partir de concepções de gênero binárias e hierárquicas que opõe o masculino ao feminino. Sob esta concepção a norma para as mulheres seria a maternidade, o casamento e as atividades associadas ao mundo doméstico e aos cuidados do outro. Já as ações de homens que buscam governar e conquistar um grande império não são classificadas da mesma forma, já que para eles esta possibilidade é considerada normal. Para as mulheres, ir além dos papéis estabelecidos de mãe e esposa, e almejar governar um poderoso império só pode ser fruto de audácia e ousadia, de uma feminilidade desviante, ou seja, fruto de um rompimento com a norma estabelecida/naturalizada em torno dos papéis identificados com o feminino e o masculino. Não por acaso, os dois textos analisados não fazem qualquer menção aos assassinatos movidos por Cleópatra para alcançar os seus objetivos, ao contrário de outras versões de sua história que tenderam a destacar a sua imagem de “mulher fatal” capaz de matar¹⁸. Assim os portais traçam a imagem de uma mulher que não parece explicitamente violenta e agressiva, embora seja uma imagem negativa de mulher ardilosa, audaciosa, sedutora e, portanto, “vilã”.

Ser “amante”, mantendo relações com os homens fora do casamento do tradicional, em “aventura amorosa”, confirma assim, nesse quadro de pensamento patriarcal, a imagem de Cleópatra como mulher audaciosa. Desse modo, Sousa escreve a partir de concepções de gênero que são tomadas como naturais e inquestionáveis acerca da atuação de homens e mulheres na história acadêmica. Tais concepções que informam as representações de um feminino ligado ao poder, de uma mulher no governo de uma das primeiras e grandes “civilizações”, institui um “regime de verdade” para a origem do poder político feminino na história que, marcado por relações e interesses de poder e dominação das mulheres, vem orientando modos de ver, de pensar, de existir e de se relacionar com as mulheres quando elas

¹⁸ Cf. reportagem “A verdadeira Cleópatra” publicada na Revista Isto É, edição de número 2160 de 01 de abril de 2011. Disponível em http://www.istoe.com.br/reportagens/131117_A+VERDADEIRA+CLEOPATRA

assumem o poder de governar. Desse modo, o conhecimento histórico difuso nos portais educacionais se apresenta também como poderosa “tecnologia do gênero” (LAURETIS, 1984) na medida em que produz e difunde representações de gênero, reiterando assim as “normas regulatórias que materializam as diferenças sexuais e que contribuem na persistência das hierarquias e desigualdades de gênero no presente” (OLIVEIRA, 2015).

Sobre o papel das mulheres no Egito Antigo é interessante observar que, diferente do que ocorria em outras culturas, elas tinham certos direitos e autonomia na sociedade, podendo ter posses e participar de tribunais. Segundo Geraldo Rosa Lopes (2009), as mulheres podiam ser equiparadas aos homens, podendo assim, juridicamente, serem consideradas detentoras de direitos, prerrogativas e responsabilidades iguais às dos homens. Elas podiam ter direitos sobre terras, serem herdeiras, redigir testamentos, ter participação em transações comerciais. Além disso, não perdiam seus direitos após o casamento e nem mesmo em casos de divórcio. Cumpriam seu papel em tribunais como acusadoras, defensoras ou testemunhas, e podiam também ser penalizadas.

No Egito, as inscrições e monumentos em geral levam a crer que as mulheres gozavam de grande consideração. As esposas dos faraós partilhavam, ao que tudo indica, de sua autoridade, e esses soberanos, a fim de manter todo o prestígio dentro da família, desposavam frequentemente as próprias irmãs. Esse costume perpetuou-se na grega dos Ptolomeus, sendo geralmente conhecido que a famosa Cleópatra teve por marido um irmão. Várias inscrições, por outro lado, recomendavam aos maridos que tratassem bem as esposas (LOBO, 1979, p. 61).

Segundo Aline Fernandes de Sousa (2010), as fontes iconográficas e textuais sobre a vida das mulheres egípcias na divisão de trabalho, questões legais, transações econômicas, revelam que os direitos legais das egípcias não eram efetivamente voltados para todas as mulheres, porque a igualdade entre os sexos mudava de acordo com a riqueza e a base familiar. No Egito Antigo, era muito raro ter uma mulher faraó, contudo ainda assim os egípcios preferiram, por vezes, ser dirigidos por uma mulher de sangue divino que por um homem que não o seja, como foi o caso de Hatchepsut, esposa de Tutmés III (filho de Tutmés, pai de Hatchepsut, com uma garota de harém) que governou. Também é importante lembrar que no Antigo Egito, o casamento entre irmãos era uma prática comum e aceita, a qual existiu apenas na família real e tinha como objetivo fomentar a coesão.

Nos dois textos analisados, observamos que a representação de Cleópatra como “rainha” prevalece nas históricas difundidas pelos portais educacionais. No entanto, esta representação, amplamente difundida na historiografia e nos portais educacionais, impõe

outros sentidos para o governo das mulheres no Egito Antigo. É importante analisar o papel das mulheres na África Antiga e como este se diferenciava na cultura europeia. Além do papel desempenhado nas próprias famílias, as mulheres africanas, de acordo com John Henrik Clarke (1984), frequentemente puderam governar nações com uma autoridade inquestionável. Isso provavelmente se deve ao fato de, muitas delas, terem sido excelentes militares, sem contar com as várias ocasiões em que conduziram exércitos em campo de batalha. Durante todo o período do Egito Faraônico, as mulheres africanas dispunham de uma liberdade plena e, segundo Cheikh Anta Diop (1978),

nenhuma evidencia pôde ser encontrada nem nos registros da história nem da literatura – Egípcia ou não – do mau tratamento sistemático de mulheres africanas por seus homens (CLARKE, 1984, p. 2).

De acordo com um egitologista, James Henry Breasted, Hatshepsut foi a primeira grande mulher Faraó a entrar para a História, do que se tem conhecimento até agora. Educada desde cedo pelo pai, Hatshepsut foi treinada para ser governadora do Egito. Seu reinado, caracterizado como um dos mais proeminentes da décima oitava dinastia do Egito, durou vinte e um anos e, excluindo os desentendimentos com o seu enteado, foi um governo bom e calmo o qual manteve a paz até mesmo com os vizinhos (CLARKE, 1984).

Infelizmente as fontes históricas sobre as mulheres do Egito Antigo são escassas, e a maioria das fontes que restam foram escritas por homens e a partir de concepções históricas eurocêntricas. De certa forma isso interfere no olhar que se tem sobre elas, já que são vistas a partir de fontes em sua maioria greco-romanas escritas sob o ponto de vista masculino (BALTHAZAR, 2009). No campo da historiografia, Michelle Perrot (2005) já observou como diversos historiadores, imbuídos de concepções sexistas e patriarcais, viram as experiências femininas apenas como atreladas ao âmbito doméstico e privado da família, do casamento e da maternidade, naturalizando e universalizando também a subordinação das mulheres aos homens. A autora explica ainda que o silêncio sobre as experiências das mulheres no passado pode ser visto como resultado da opressão e exclusão das mulheres nos espaços públicos (políticos, sociais e econômicos) e, por conseguinte, da falta de documentos em arquivos históricos que são produzidos e controlados por homens.

Quando não prevalece o silêncio sobre as mulheres na história, elas são descritas de forma estereotipada em boa parte dos relatos. Este é caso de Cleópatra nos relatos antigos de Plutarco. Como bem analisou Balthazar, nos relatos plutarquianos

Cleópatra surge, então, como uma feminilidade desviante, que, ao utilizar seu lugar como amante e mãe em nome de objetivos políticos, se tornou prejudicial na formação de Marco Antônio como governante, e em algum grau de Júlio César. Em nossa leitura, o pensamento plutarquiano operou de maneira binária, contraponto masculino e feminino (Antônio/Cleópatra), mas também duas formas de masculinidades (Antônio/Otávio) e duas formas de feminilidades (Cleópatra/Otávia; Cleópatra/Fúlvia). Por outro lado, observamos, no final do relato plutarquiano, como essa experiência de feminilidade, primeiramente criticada, aproximou-se dos códigos de gênero vivenciados por Plutarco, no momento em que passou a se pautar nos testemunhos partidários à Cleópatra. Assim, a egípcia foi narrada a partir de sua atuação como amante (esposa) e mãe, e sua face política como rainha passou a ocupar um lugar secundário na descrição plutarquiana (2013, p. 187).

Nesse sentido, tanto os relatos de Plutarco como as histórias construídas sobre ela nos portais educacionais não devem ser tomadas narrativas sobre uma Cleópatra real ou verdadeira, mas como discursos históricos generificados que reinterpretem e re-significam traços da história da governante egípcia. Em nosso entendimento, as representações históricas de Cleópatra revelam muito mais a nossa forma de pensar a história da última governadora do antigo Egito, e especialmente as possibilidades para uma mulher no governo de uma poderosa sociedade.

Clarke em seu estudo das “rainhas guerreiras” da África, na Etiópia e nações do sul, identificou várias mulheres que não foram reconhecidas pela história, mas que também exerceram poder e influência da mesma forma que a Cleópatra do Egito. Segundo o autor, após a morte de Cleópatra, os romanos tentaram conquistar o Vale do Nilo e lá uma rainha chamada Candace (da Etiópia ou Núbia) demonstrou grande resistência. “Candace”, seguindo o autor, é um provável equivalente à palavra etíopeana para chefe de estado ou governador aplicado para as mulheres. Assim diz o autor,

das várias rainhas que ficaram conhecidas como Candace, cinco são as mais conhecidas: A Candace que opôs ao movimento em direção ao sul dos exércitos de Alexandre, O grande; A Candace que guerreou contra o Governador romano de Egito, Patronius; a Candace mencionada na Bíblia em Atos, capítulo 8, versículo 27; e a Candace que guerreou contra o romano, Nero. Existe outra Candace que não deixou registro seguro (CLARKE, 1984, p. 7).

Sarah Pomeroy, historiadora americana conhecida por seu trabalho sobre a história das mulheres na Antiguidade clássica, publicou em 1984 o livro “Women in Hellenistic Egypt” (1990). No primeiro capítulo, dedicado às rainhas ptolomaicas, Pomeroy destaca que as fontes antigas que tratam sobre Cleópatra VII são as mais abundantes se comparado a qualquer outra

mulher governadora na dinastia ptolomaica, contudo também são as mais hostis. Pelo fato da vida de Cleópatra se interligar com a de alguns dos mais importantes romanos durante o fim da República e também no momento em que ela foi derrotada por Otávio, este acabou ficando com a poder de ter a última palavra sobre tudo o que ela representava (POMEROY, 1990, p. 24). Desse modo, a história de Cleópatra ganhou também a versão predominante daqueles que tinham o interesse de derrubar o seu poder.

No texto do Brasil Escola, observa-se nas representações de Cleópatra uma concepção de gênero que associa o feminino apenas ao corpo, à beleza e às suas relações afetivas-sexuais. Trata-se de uma concepção de gênero que se inscreve em quadro de pensamento gendrado (ou generificado) e sexista, que associa o poder e inteligência das mulheres apenas ao uso que fazem de seus corpos, beleza, espiritualidade e relações que estabelecem com os homens. Nesse quadro de pensamento o poder masculino é visto como associado à inteligência, à força, à capacidade de diplomacia e governo, enquanto o poder feminino é dependente dos homens e se realiza apenas na sedução, no corpo, no romance, no casamento, no sexo e na maternidade. No texto de Sousa, o poder de Cleópatra ganha origem na sua união sexual e afetiva com os homens, não se trata, portanto, de um poder feminino autônomo.

Donna Wilshire explica a construção desse binarismo de gênero no conhecimento. As conexões do masculino com a política, o governo e a razão; e do feminino com o corpo, a beleza, a sensualidade, o casamento, os sentimentos, vem desde a Antiguidade e fazem parte também das histórias “sagradas” que aprendemos na infância. Filósofos como Aristóteles acreditavam e defendiam a ideia de que o homem era superior e divino, em contraposição às mulheres descritas como “monstros”, desviados do tipo “genérico humano”, “emocionais”, prisioneiras “passivas” de suas “funções corporais” e, em consequência, uma espécie inferior, mais próxima dos animais que os homens (WILSHIRE, 1997, p.102). A autora diz ainda que

todas as eras nessa história têm em comum a explícita desvalorização da terra e do corpo — mais especificamente, o corpo da mulher, junto com formas de saber e estar no mundo associadas ao feminino (WILSHIRE, 1997, p. 100).

A associação de Cleópatra à beleza e sedução é um claro exemplo de insistência em marcar as mulheres com características negativas que denotem a fragilidade moral e a desonestidade das mulheres. Típica imagem construída desde a Antiguidade, como nos mostra também Jean Delumeau (2009, p. 334-335) ao descrever como as mulheres foram associadas ao demônio e à bruxaria, à espiritualidade, chegando ao ponto de se tornarem traiçoeiras e pouco confiáveis. Trata-se de concepções sexistas e androcêntricas sobre as mulheres, que

estão na base da epistemologia ocidental e do pensamento moral, e que se reproduzem também nas histórias que se ensinam nos portais educacionais da web.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os portais educacionais e seus textos históricos parecem bons exemplos de “tecnologias de gênero” (LAURETIS, 1994), já que funcionam como meio de comunicação que produz e promove conhecimento histórico e representações de gênero, de “homens” e “mulheres”, de masculino e feminino, que parecem reforçar velhos estereótipos e preconceitos que inferiorizam a atuação das mulheres na história. Lauretis(1994) afirma que o gênero é produto de diferentes “tecnologias sociais”, tais como internet, rádio, televisão, cinema ou jornais, e de diversas epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como de práticas da vida cotidiana. A autora insiste que gênero não é propriedade dos corpos, nem algo que existe a priori nos seres humanos, mas um conjunto de efeitos produzidos nos corpos, comportamentos e relações sociais. As representações de gênero difundidas nos textos dos portais são capazes de educar o imaginário histórico sobre as identidades e comportamentos possíveis para homens e mulheres. A representação de Cleópatra como uma rainha cujo poder emana de seu papel como amante e mãe, como mulher que seduz sexualmente os homens, condiciona a inteligência, a audácia e o poder político das mulheres ao uso de seus corpos. Nesse sentido, os textos sobre Cleópatra podem funcionar como “tecnologias de gênero”, ao produzir e difundir imagens que orientam as formas de ver, pensar e de se relacionar com as mulheres no poder, especialmente no governo.

A curiosidade e o fascínio que o passado exerce sobre o ser humano é, às vezes, algo indescritível que o motiva a sempre tentar ultrapassar os limites que o tempo pode lhe impor. Não importa quantos séculos passem, a história de nosso passado nunca deixará de ser estudada, analisada ou até mesmo reproduzida. A única coisa que está propensa a mudanças é a maneira como enxergamos e damos significados para este passado e que dizem muito mais sobre nossos próprios valores, concepções e problemáticas do presente.

FONTES

CATARIN, Cristiano Rodrigo. "Cleópatra, a rainha do Egito". In: **Historianet**. 2006. Disponível em <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=853>>. Acesso em 07 de janeiro de 2016.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "Cleópatra". In: **Brasil Escola**. 2010-2014. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historia/cleopatra.htm>>. Acesso em 07 de janeiro de 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALTHAZAR, Gregory da Silva. Cleópatra a sedução do Oriente: o corpo como meio feminino de exercer política. **Revista de História Comparada**, PUC/RS, 2009.
- CARVALHO, João Gilberto da Silva e ARRUDA, Angela. **Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.
- CLARKE, John Henrik. Rainhas Guerreiras Africanas. “**African Warrior Queens**” In: Sertima, Ivan Van (ed.) *Black women in Antiquity*. 1984.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada, tradução Maria Lucia Machado, São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- FONSECA, Thais Nívia de Lima e. Mídias e divulgação do conhecimento histórico. **Aedos**. São Paulo, n. 11, vol. 4, p. 129-140, set. 2012.
- FOSS, Michael. **The Search for Cleopatra**. Nova Iorque, Arcade Publishing, 1987.
- FUNARI, Raquel dos Santos. **Imagens do Egito Antigo**. Campinas - SP, set. 2004.
- IAHN, Luciene Ferreira. **Portal Educacional**: Uma análise do seu papel para a educação virtual. Florianópolis, 2001.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. **Lesreprésentations sociales**. Paris, p. 31-61, 2001.
- JOSÉ, Natália Frazão. Estratégia e estudo de gênero no final do século I a.C.: Cleópatra e suas relações político-amorosas com os militares romanos Júlio César e Marco Antônio. **Anais XXIII SEC**, Araraquara, p. 119-127, 2008.
- JUNIOR, J. B. Bottentuit. Portais Educacionais e suas características: contribuições para o estado da arte. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, **HOLOS**, Ano 29, Vol 3, 2013.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LOBO, Haddock. **História Universal**. V. 1. São Paulo, Editora Egéria, 1979.
- LOPES, Geraldo Rosa. **O Papel da Mulher no Antigo Egito**. 2009.
- Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, 1998-2009 Editora Melhoramentos Ltda, 2009, UOL.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: Investigações em psicologia social (P. Guareschi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. 2003.
- MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Mulheres na historiografia brasileira: práticas de silêncio e de inclusão diferenciada. In: STEVENS, Cristina et.al. (orgs.). **Gênero e feminismo: convergências (in)disciplinares**. Brasília/DF: ExLibris, 2010.
- NAVARRO-SWAIN, Tania. Os limites discursivos da história: imposição de sentidos. **Labrys**: Revista de Estudos Feministas, nº 9, 2006. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys9/libre/anahita.htm>> Acesso em 02 jun. 2006.

_____. As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades. **Labrys**: Revista de Estudos Feministas, web, v. 1-2, n. jan/dez, 2002.

OLIVEIRA, Michelle Souza de Jesus, OLIVEIRA, Rodrigo de, Roque, Iracir Holonda de Freitas e Silva, Apoliana Pereira da. Rainha Cleópatra: história e mito pela cinematografia contemporânea. **Caderno Discente do Instituto Superior de Educação**. Aparecida de Goiânia. ano 2, n. 2, p. 155-164, 2008.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. História e internet: conexões possíveis. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n.12, p. 23 - 53, mai./ago. 2014.

_____; SILVEIRA, M. F.. História do Brasil nos sítios eletrônicos de pesquisa escolar. In: XV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-SC 1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado, 2014, Florianópolis. **Anais do XV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-SC 1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado**, 2014.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues. História das mulheres em planos de aula: mídias digitais e saberes docentes na Internet. IN: OLIVEIRA, Susane Rodrigues de (org.) Dossiê: Ensino de História das Mulheres. **Labrys** (revista online), v. 27, p. 1, 2015.

Oxford Dictionaries - Language matters, 2015 Oxford University Press. Disponível em: <<http://www.oxforddictionaries.com/pt>> Acesso em 07 dez. 2015.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História** [online]. vol. 24, n.1, 2005.

PERROT, Michelle. **Mulheres ou os silêncios da História**. Bauru: Edusc, 2005.

POMEROY, Sarah. **Women in Hellenistic Egypt**. 1990.

SANTOS, Giselle. **Somos Todos Rainhas**. Coleção História das Mulheres Negras: Passado, Presente e Futuro. São Paulo. 1ª edição, 2011.

SILVA, Thais Rocha. **Construtores de gênero no Egito Ptolomaico**: uma proposta de leitura das cartas gregas e demóticas. Dissertação de mestrado em Letras. São Paulo: USP, 2013.

SOUSA, Aline Fernandes de. **A mulher-faraó**: representações da rainha Hatshepsut como instrumento de legitimação (Egito Antigo – Século XV A.C.). Niterói, 2010.

SHOHAT, Ella. Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno da identidade. **Cadernos Pagu** [online]. Nova Iorque, 2004, n.23, pp. 11-54. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332004000200002>> Acesso em 07 dez. 2015.

WILSHIRE, Donna. Os usos do mito, da linguagem e do corpo da mulher da re-imaginação do conhecimento. In: **Gênero, Corpo e Conhecimento**. Alison M. Jaggar e Susan R. Bordo [editoras]; tradução de Brítta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro, Record: Rosa dos Tempos, 1997.

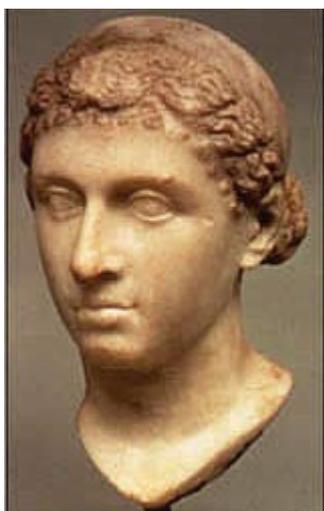
ANEXOS

1. **Cópia do texto publicado no portal Historianet:** <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=853>

Cleópatra, a rainha do Egito

Por Cristiano Catarin

Cleópatra, a rainha grega do Egito. Provavelmente tudo que o mundo sabe sobre ela esteja errado. Muitas versões a descrevem como uma mulher fatal e de rara beleza. Alguns relatos valorizam, com certo exagero, a questão estética da jovem rainha. Quem era a verdadeira Cleópatra?



Trezentos anos antes de Cleópatra governar o país mais rico do mundo, Alexandre, o grande, tinha acabado de conquistar o Egito. Desejoso de ser considerado uma divindade, o comandante militar dirigiu-se ao templo de Siwa – onde fora proclamado um deus pelo oráculo. Alexandre conquistou o maior império de toda história, dominando terras que iam da Europa a Índia. Cleópatra certamente inspirou seus objetivos, sobretudo políticos, as façanhas alcançadas por Alexandre, o maior líder militar que o mundo já conheceu. Ela era ambiciosa, determinada e inteligente, mas sua aparência não era de uma mulher fatal (veja a ilustração acima).

Origem e família da jovem rainha

Cleópatra era descendente dos reis gregos do Egito, os ptolomáicos. Ela nasceu em Alexandria. Seus cabelos eram avermelhados, a ilustração acima não mostra a rainha utilizando-se de jóias. Definitivamente, estas não são características de uma mulher fatal. Por outro lado, uma harmoniosa combinação de: espiritualidade, determinação e inteligência tornaram Cleópatra à mulher mais famosa do mundo. A localização dos ancestrais da jovem rainha fica a oitocentos quilômetros de Alexandria, na ilha de Filae. Nesta região, durante 300 anos, foram construídos templos dedicados aos XII Ptolomeus. Ptolomeu III foi o último grande faraó da era ptolomáica, reconquistando grande riqueza que havia sido perdida para outras civilizações. Ptolomeu IV foi um grande fracassado que perdera grande parte das riquezas do Egito antigo.

O pai de Cleópatra, Ptolomeu XII, era conhecido como “o tocador de flauta”. O tempo todo ele dava primazia em tocar o pequeno instrumento de sopro, evitando assim, as responsabilidades do governo. Aos dezoito anos de idade, Cleópatra perdeu seu pai. O testamento de Ptolomeu XII dizia que o Egito deveria ser governado por Cleópatra e seu irmão, Ptolomeu. Mas na prática isto não chegou a ocorrer. Os dois brigaram pela disputa ao poder.

O Romance com Julio César

Júlio César, poderoso general romano, acompanhou de perto as desavenças entre Cleópatra e seu irmão, e no palácio de Alexandria, mandou chamá-los para entender melhor a questão.

Fontes antigas nos revelam que Cleópatra chegou até César antes de seu irmão. Enrolada e escondida em um tapete, ela temia ser surpreendida pelo seu irmão. O general romano ficou impressionado com a jovem rainha. Desde então uma atração física começou a dominar o futuro casal.

Cleópatra estava determinada com a idéia de conquistar um grande império, como de Alexandre. O terrível incêndio que destruiu a biblioteca de Alexandria durante um conflito entre egípcios e romanos deixou a jovem rainha profundamente magoada, revelando seu apreço pelos livros, seu maior patrimônio era a inteligência.

Cesar adiou sua volta a Roma e juntou-se a Cleópatra para conhecer melhor o Egito. Decerto, Cleópatra queria impressionar o general romano com a grandeza e principalmente riqueza de seu país. Cleópatra era considerada uma deusa, César como seu acompanhante também era visto como um deus.

Uma Esperança de vida

Foi no cemitério de Sakara que César viu pela primeira vez uma múmia de perto. A crença na vida após a morte e a possibilidade da imortalidade com a preservação do corpo, é uma idéia que pode ter atraído César que já estava envelhecendo. O nobre casal passou por Tebas, Karnak e Luxor, locais de grande admiração do Egito antigo. Durante este longo passeio, César observou também os grandes campos de trigo do Egito, alimento suficiente para alimentar seu exército.

Os restos do templo de Cleópatra podem ser visto em Hermonts. Foi neste local que a democracia romana entraria em declínio.

Cleópatra em Roma

César agora era um deus que teria um filho com Cleópatra. Esta idéia de governar Roma como um deus contaminou os sucessores de César. Era o fim da democracia no senado romano. Cesário, filho de Cleópatra com César governaria um grande império como o de Alexandre. Era uma possibilidade que passou a ser uma obsessão da jovem rainha. Em Roma havia grandes comemorações que aconteciam como desfiles de triunfos. Num triunfo egípcio, Cleópatra presenciou sua irmã, Arsenob acorrentada pelo exército romano, em correntes de ouro.

Cleópatra amava César, não Roma. Arsenob era uma ptolomáica, derrotada por romanos, isto marcaria a vida da jovem rainha para sempre. Mas a esta altura, Cleópatra era o assunto em evidencia de Roma. César ganhou muito dinheiro e comprou muitas casas, construiu um templo com a estátua de Cleópatra e um belo jardim para sua amada. Isto revelava o quanto era verdadeiro seu amor pela rainha do Egito. Já por dois anos em Roma, Cleópatra – aliada ao homem mais poderoso do mundo – tornou-se a mulher mais poderosa do mundo. Parecia certo que seu filho, Cesário, herdaria um império de grandeza similar ao conquistado por

Alexandre, o grande. A idéia de eliminar a república romana não agradou nenhum pouco o senado. César foi terrivelmente assassinado por inimigos políticos.

Marco Antônio, aliado do Casal e general de César, expôs ao senado romano que Cesário, filho de Cleópatra era o herdeiro legítimo de César. Otaviano (sobrinho de César) reclamou tal legitimidade. A beira duma guerra civil, Cleópatra voltou para o Egito com seu filho. O país mais rico do mundo estava em declínio econômico e político. Mas Cleópatra utilizou de toda sua habilidade administrativa para melhorar a situação explorando as estradas de comercio (com a extração do Pófiro) e a rota das caravanas, esta última, estabelecida desde a era ptolomáica. A rota das caravanas desempenhava um duplo objetivo econômico, além de abastecer o comercio local, era também a principal mantenedora dos luxos do palácio egípcio.

O romance com Marco Antônio

O general Marco Antônio precisava das riquezas do Egito para vencer seu principal inimigo, Otaviano e conquistar Roma. Ele solicitou um encontro com Cleópatra em Tarsus. Cleópatra aceitou o encontro, porém, de acordo com sua conveniência. Por outro lado, Cleópatra precisava de Marco Antonio para dar continuidade em seu plano de entregar um grande império a seu filho, Cesário. Em Alexandria, Cleópatra já voltou amante de Marco Antonio e grávida de gêmeos. O general partiu para uma batalha e deixou a rainha no Egito. Algum tempo depois, uma carta de Marco Antonio revelava que ele estava com outra mulher e tinha abandonado Cleópatra.

Aos 29 anos, mãe de três filhos pequenos, Cleópatra teve de adiar mais uma vez seus planos quanto ao futuro de Cesário. Foi nesta ocasião, em Dendera, que a rainha dedicou-se intensamente a religião, que no Egito antigo significava basicamente uma transição entre deuses e o faraó. O país teria prosperidade assegurada, desde que esta transição ocorresse de maneira harmoniosa e precisa. Dendera abriga uma imagem de Cleópatra fazendo oferendas aos deuses. Detalhe: normalmente os faraós apareciam em paredes de templos acompanhados de seus maridos ou esposas. Mas Cleópatra não era uma rainha qualquer, seu filho Cesário, é quem aparece ao seu lado.

A volta de Marco Antônio

Marco Antônio voltou tempos depois e pediu um novo encontro com Cleópatra. Ele ainda precisava das riquezas do Egito para vencer Otaviano. A rainha estava com a mente confusa, mesmo com toda dedicação em preparar um futuro prospero para Cesário, Cleópatra tinha sentimentos. Ela fora abandonada prestes a dar vida a dois filhos gêmeos. Mas sua determinação política venceu seus ressentimentos, aceitando assim, um novo encontro com Marco Antônio. Desta vez Cleópatra condicionou as riquezas do Egito a um grande acordo nupcial. Para ela ficou a região de Arnúbia, Chipre, Sinai, Armênia, Norte da África e Fenícia.

Territórios conquistados com o sangue romano tinham sido entregues a uma rainha egípcia. Isto causou fúria em Roma, alimentando com raiva às tropas lideradas por Otaviano que estava preparando um confronto final contra Marco Antonio. Nesta batalha, Otaviano sagrou-se vitorioso. Cleópatra chegou a acompanhar de perto o confronto, mas quando percebeu a eminente derrota de Marco Antonio, fugiu em sua nau capitânia. A rainha seguiu para Alexandria. Marco Antonio não conseguiu acompanhá-la e perdeu-se no caminho, caindo em desespero. Cleópatra planejou uma viagem até a Índia, onde fundaria um novo império com sua riqueza. Era sua última chance.

Em Petra, Cleópatra foi surpreendida e suas embarcações (carregadas e prontas para ganhar o mar) foram incendiadas. Marco Antônio, preservando o estilo romano, entregou-se a espada e fora morrer aos braços de sua amada. Já havia uma tumba preparada para Cleópatra. Porém, sua morte faz parte de uma discussão interminável.

A morte de Cleópatra

Muitos textos antigos afirmam que ela tenha sido morta por meio de uma picada de cobra. (resta saber se por uma NAJA, ou uma VÍBORA). A Naja possui um veneno mais letal e sua picada é de difícil identificação. Já a Víbora provoca um inchaço grotesco, e, por esta razão, a morte por meio de uma víbora é descartada por estudiosos. A morte por meio da picada da naja evitaria a exposição de Cleópatra num triunfo romano, conforme desejo de Otaviano. Cleópatra estava confinada num dos quartos do palácio e, tudo que era levado até ela era inspecionado para evitar seu suicídio. Mas de alguma forma, ela conseguiu se matar conduzindo uma de suas mãos a uma “compota” onde uma naja estaria entre os frutos. Quando os soldados romanos de Otaviano entraram no quarto da rainha, ela já jazia morta e vestida com trajes reais. Otaviano nada pode fazer a não ser expor para seu poderio militar um retrato da rainha Cleópatra.

Os dois filhos gêmeos de Cleópatra perderam-se na história. Otaviano matou Cesário, impedindo definitivamente qualquer chance de prosperidade política para o filho da rainha. Alexandria deixou de ser um lugar dedicado ao saber, passando a ser uma mera província romana no Egito. Mas Cleópatra nunca fora esquecida. Ela era a rainha do antigo Egito.

Não deixem de acessar meu BLOG. O endereço é: www.historiaecia.zip.net. E-mail: cristiano@historianet.com.br. Julho-2006.

2. Cópia do texto publicado no portal Brasil Escola:
<http://brasilecola.uol.com.br/historia/cleopatra.htm>

CLEÓPATRA

No ano de 69 a.C., o rei egípcio Ptolomeu teve a oportunidade de assistir o nascimento de sua filha mais velha, Cleópatra, que viria a ser conhecida como uma das mais famosas e intrigantes rainhas do Egito. Nascida na cidade macedônica de Alexandria, esta rainha herdou as heranças gregas e persas que se instituíram na região nordeste da África pela ação do imperador macedônico Alexandre, o Grande.

Longe de ser apenas uma mulher fútil,



Cleópatra, a rainha que conquistou generais romanos em busca de suas ambições políticas

poderosa e entregue aos prazeres da vida, Cleópatra ansiava dar fim às dominações estrangeiras que tomavam seu reino. Além disso, era conhecida como hábil debatedora e dominava várias línguas como aramaico, persa, somali, etíope, egípcio e árabe. Segundo o historiador Plutarco, ela não detinha atributos físicos, mas se valia de outros artifícios para alcançar seus objetivos.

Quando chegou ao poder, suas intenções de restabelecer a soberania parecia ser um plano difícil de ser concretizado. Após casar com seu irmão Ptolomeu XII para chegar ao trono, observou que as tropas do opulento e vitorioso exército romano estavam próximas demais da cidade de Alexandria. Ao mesmo tempo, sua posição real era decorativa em face dos poderes atribuídos aos burocratas que controlavam o Estado.

Estes ministros percebiam as ambiciosas pretensões políticas de Cleópatra e, não por acaso, obrigaram-na a fugir de Alexandria e pedir auxílio militar das tribos do deserto. Nessa mesma época, o general romano Pompeu, ao qual Cleópatra já havia prestado apoio, pediu abrigo a suas tropas derrotadas na Farsália. O pedido gerou um grande dilema para os dirigentes do governo.

Por um lado, entendiam que o apoio a Pompeu poderia significar a invasão das tropas de Júlio César, outro general romano que ambicionava ser ditador. Em contrapartida, a recusa também poderia causar a fúria de Pompeu, que passaria a ver os egípcios como um bando de mancomunados com seu maior inimigo político. Por fim, tentando se safar desta situação ambígua, os egípcios decidiram tramar o assassinato de Pompeu.

Após matarem o general romano, as tropas de César se dirigiram até Alexandria para tomar conhecimento do comportamento egípcio em frente a suas tropas. Ptolomeu, o rei, receava sob as pretensões dominadoras do general romano e decidiu não ir ao seu encontro. Em contrapartida, Cleópatra arquitetou um plano em que conseguiria encontrar Júlio César sozinho e vulnerável à sedução da rainha.

Para conseguir tal feito, se sujeitou a ficar enrolada em um tapete que seria entregue como presente a Júlio César. A ousadia conquistou César, que, em resposta, lutou ao seu lado contra os revoltosos contrários ao governo da rainha no Egito. A empreitada quase fracassou, mas com o apoio de Mitríades de Pérgamo, conseguiram abater as ambiciosas tropas egípcias que, no fundo, também disputavam o poder entre si.

A aliança entre César e Cleópatra a transformou em senhora do Egito. Contudo, não satisfeita com o objetivo alcançado, resolveu apoiar César em novas conquistas que pudessem transformá-lo em um conquistador de muitas fronteiras. Contudo, o general romano sabia que qualquer ambição de poder absoluto poderia acender a fúria do Senado Romano, que não permitiria a dissolução da República.

Por isso, ele teve de se contentar com uma breve temporada em que desfrutou da companhia de sua audaciosa amante. Depois disso, forçado a sinalizar sua devoção às instituições romanas, partiu com o seu exército para a região de Ponto, onde abafou a revolta de Farnaces. Nesse meio tempo, a rainha Cleópatra ficou grávida e deu à luz a Cesarião, nome que simplesmente atestava a paternidade de seu filho.

Depois que retornou para Roma, César nunca mais colocou os seus pés no Egito. Contudo, em mais uma ação de extrema audácia, a rainha Cleópatra resolveu ir até Roma e visitar o seu

amante e parceiro político. Para os romanos mais conservadores, a presença daquela estrangeira era uma ameaça às tradições. Afinal, quais garantias poderiam dizer que César não a transformaria em rainha de Roma?

Por fim, antes que tal ameaça se tornasse real, Júlio César foi assassinado por um grupo de republicanos que temiam as pretensões hegemônicas do ditador. Temendo a reação dos romanos com a sua presença, Cleópatra logo retornou para Alexandria e, após se livrar do irmão, colocou o seu filho no poder. Enquanto os romanos decidiam quem assumiria o poder, ela resolveu ficar afastada das questões políticas e militares.

Após as lutas sucessórias, dois generais assumiram o poder político do Império: Otávio, que se preocupava em buscar apoio do Senado e tinha um comportamento frio e ambicioso; e Marco Antônio, que ficara e parecia ser uma figura mais receptível aos engodos da rainha. Ao contrário da primeira vez, Cleópatra esperou que o seu mais novo alvo político chamasse pela sua presença. Não demorou muito, Marco Antonio, que estava na Sicília, chamou a senhora do Egito pra discutir o poder na Ásia.

Organizando uma comitiva suntuosa e adornada com vários elementos que faziam menção à mitologia grega, Cleópatra não teve grandes dificuldades para conquistar o general. Entre 41 e 31, Marco Antonio dizimou os inimigos políticos de Cleópatra, abandonou a esposa (que era irmã de Otávio) e passou boa parte desse tempo realizando conquistas militares que atendiam o interesse de sua amada egípcia.

A união entre Marco e Cleópatra deu origem a três filhos e somente colocava em dúvida o compromisso que o general romano teria com sua pátria original. Como se não bastasse toda a situação, os filhos do casal foram transformados em reis da Armênia, da Síria e da Ásia Menor. Dessa forma, o cenário político de Roma estava dividido entre dois senhores: um comprometido com o Ocidente (Otávio) e o outro maravilhado com o Oriente (Marco Antonio).

Prevedendo uma possível reviravolta, Otávio começou a realizar ataques sistemáticos contra o comportamento de Marco Antonio e resolveu colocar Cleópatra como uma séria ameaça para os romanos. Marco Antonio, que não resolveu abrir mão de sua aventura amorosa, decidiu combater as tropas do general Otávio. Sem obter o sucesso almejado, ainda tentou se aliar com as tropas de Cleópatra para resistir à sua iminente derrota.

Sitiados e abatidos na cidade de Alexandria, o general e a rainha decidiram acabar com suas próprias vidas. Não satisfeito, Otávio aniquilou completamente a linha sucessória dos herdeiros de Cleópatra bem como transformou o Egito em uma mera província subordinada aos representantes do poder romano. Com isso, o sinal de lealdade representado pela vitória militar transformou Otávio no primeiro imperador romano.

Por Rainer Sousa
Graduado em História
Equipe Brasil Escola